



atos

do conselho geral

ano LXXII — outubro-dezembro, 1991

n. 338

**órgão oficial
de animação
e de comunicação
para a
congregação salesiana**

**ROMA
DIREÇÃO GERAL
OBRAS DE DOM BOSCO**

atos

do conselho geral
da sociedade salesiana
de São João Bosco

órgão oficial de animação e de comunicação para a congregação salesiana

N. 338

ano LXXII

outubro-dezembro

1991

1. Carta do Reitor-Mor	1.1 P. Egídio Viganó "Carisma e oração" 3
2. Orientações e Diretrizes	2.1 P. Juan E. Vecchi Salesianos e movimentos eclesiais 39 2.2 P. Giuseppe Nicolussi e P. Luc Van Looy A formação do salesiano educador pastor: reflexos do CG23 sobre a formação inicial 45 2.3 P. Antonio Martinelli Comunicação Social: a deliberação n. 6 do Capítulo Geral 23 54
3. Disposições e normas	Não existem nesse número
4. Atividades do Conselho Geral	4.1 Crônica do Reitor-Mor 64 4.2 Crônica do Conselho Geral .. 65
5. Documentos e Notícias	5.1 Novos inspetores 69 5.2 Irmãos falecidos 71

1. CARTA DO REITOR-MOR

“CARISMA E ORAÇÃO”

Introdução - Fascínio dos carismas - O homem em diálogo orante - A originalidade da oração cristã - Por Cristo, com Cristo e em Cristo - O fundamento da oração cristã é a “oração mental” - A “meta” da oração segundo S. Francisco de Sales - Renovemos a nossa oração - Três pólos que devem ser privilegiados - O Espírito e Maria nos ajudem.

Roma - Solenidade da Assunção de N. Sra.
15 de agosto de 1991

Caríssimos Irmãos,

em junho e julho passados, durante a sessão plenária do Conselho Geral, aprofundamos vários aspectos da vida das Inspetorias hoje. Um deles, ligado de alguma maneira à nossa renovação, é o seguinte: “Espiritualidade salesiana e Movimentos eclesiais”. Trata-se de um dado que nos pode fazer refletir a fim de intensificarmos a nossa identidade e também, em alguns casos, evitar desvios.

Foi feito um levantamento da situação. Com respeito à participação de irmãos em determinados Movimentos, foi difícil chegar a números exatos. Alguns participam como assistentes eclesiais (especialmente nas nossas paróquias); outros comparecem esporadicamente a algumas reuniões para estar

informados; outros tomam parte de maneira explícita, aduzindo como razão o desejo de reabastecer-se espiritualmente; outros, enfim — espero sejam poucos —, aderem a eles de tal forma que chegam praticamente àquela dupla pertença que traz consigo desafeição à espiritualidade do próprio carisma.

Procuramos o porquê da atração por tais Movimentos. Pareceu-nos que, em diversos casos, pode-se pensar numa reação contra certo estilo de superficialidade que talvez se viva em algumas casas: uma espécie de carência de autenticidade religiosa na consagração apostólica, a percepção da necessidade de maior interioridade contra certas formas de ativismo. Alguns dos que participam se sentem gratificados, porque dizem encontrar aí uma forma de aplicação mais imediata do evangelho, um relacionamento profundo, um protagonismo espiritual. Mas pode estar também entre as causas uma insuficiente compreensão da própria natureza da nossa espiritualidade, que é realista, sem excessos emotivos, equilibrada e operativa, destinada a fermentar a práxis educativa no quotidiano. Uma espiritualidade nada inferior às demais porque, para além das diferentes tipologias, todo modelo de vida espiritual aprovado pela Igreja representa um caminho autêntico de santidade. Ela se reveste exteriormente do que é ordinário: extraordinária no ordinário — como tantas vezes nos foi dito —, composta de coisas aparentemente pequenas, que, entretanto, são elementos orgânicos de um conjunto vital, radicado numa forte personalidade espiritual.

Convido-vos, então, a reconsiderar com mais atenção a proposta da nossa espiritualidade salesiana, que há anos vimos aprofundando, concentrando a atenção sobre o elemento vitalizante de toda interioridade,

¹ cf. P. RICALDO-NE, *La Pietà, Vita di Pietà; l'Eucarestia*, vol.III, serie "Formazione Salesiana" Colle Don Bosco, 1955

que é o da *oração*, ou, como se dizia antes entre nós, do "espírito de piedade."¹

Seja-nos de estímulo, para tão vital argumento, a comemoração dos 150 anos do início do carisma do Oratório de Dom Bosco, o próximo dia 8 de dezembro.

Fascínio dos carismas

É bonito sentir-se envolvidos na presença renovadora do Espírito Santo. A atual estação do Povo de Deus é uma hora carismática.

A nossa renovação moveu-se há anos nesta linha; assim fizeram muitos outros Institutos religiosos. Mas surgiram na Igreja também novos carismas, à maneira de "Movimentos eclesiais". O Sínodo sobre os fiéis leigos (1987) tratou deles explicitamente.²

² *Christifideles laici* 24

O Papa e os Bispos os consideram, no conjunto, um fato positivo: removem a apatia, geram entusiasmo, despertam a criatividade, colocam em atitude de resposta evangélica aos desafios dos tempos.

Como em todas as coisas humanas, embora espirituais, este fenômeno pode também prestar-se a expressões não equilibradas, de forte carga emocional, de acentuado intimismo, de insistência sobre a "guia" direta do Espírito Santo sem necessidade das mediações da autoridade e da comunidade. Pode, às vezes, provocar riscos em nível pastoral: de substituição, de confusão, ou de monopólio por parte de grupos.

Neste mesmo número dos Atos, o Vigário Geral, padre Juan Edmundo Vecchi, apontará alguns critérios de discernimento diante da influência que a participação nos Movimentos pode ter sobre a nossa identidade.

O contato com outros carismas deveria servir sempre para intensificar a pertença ao próprio.

A vertente em que se verifica a participação de irmãos nos Movimentos é sobretudo a da busca de maior interioridade e oração mais genuína. Por isso queremos refletir um pouco sobre a "oração salesiana". *Carisma e oração* são entre si inseparáveis e formam juntos os traços de uma particular fisionomia. Todo carisma dá um tom peculiar à oração, ao mesmo tempo que requer um intenso exercício dela.

Mas para refletir sobre a oração devemos colocar-nos antes e mais além dos carismas.

De qualquer maneira é bom fazer logo algumas afirmações referentes ao relançamento do nosso carisma; elas podem impressionar profundamente: sem oração não há, para ninguém, síntese entre fé e vida; não há, para nós, reciprocidade entre evangelização e educação; não há unidade entre consagração e profissionalidade; não há correspondência entre interioridade e operosidade. Ou seja, sem flama interior orante, o trabalho não é santificante, a competência humana não é testemunho evangélico, os compromissos educativos não são pastorais, o viver quotidiano não é religioso. Estas afirmações podem parecer excessivas e extremistas, mas põem o dedo na ferida.

A ausência de verdadeira oração seria, para nós, uma derrota em todas as frentes. Deixou-no-lo escrito o próprio Dom Bosco: "A história eclesiástica nos ensina que todas as ordens e congregações religiosas floresceram e promoveram o bem da religião enquanto a piedade se manteve em vigor entre elas; pelo contrário, vemos que muitas decaíram e outras deixaram de existir, mas quando? Quando afrouxou o espírito de piedade e cada membro

se deu a “pensar nas suas próprias coisas, e não nas que são de Jesus Cristo (Fl 2,21), como de alguns cristãos já se queixava São Paulo”.³

³ *Regole e Costituzioni della Soc. di S. Francesco di Sales*, “Introduzione” Torino, 1885

O homem em diálogo orante

Mas o ataque de fundo à oração vem de longe: procede da interpretação secularista da atual virada antropológica que caracteriza as mudanças culturais. O evolver-se dos sinais dos tempos incide diretamente sobre a oração: para mal e para bem. Vamos ver os dois aspectos antitéticos que o acompanham.

Um aspecto é o “laicista” que interpreta os valores emergentes somente de forma antropocêntrica: leva ao agnosticismo ou a formas várias de descrença. Na cidade secular a oração é desvalorizada; o agir leva a esquecer o ser.

O outro aspecto é o cristão que aceita a virada antropológica e considera o homem verdadeiro centro do mundo, interpreta-o e dá-lhe sentido: ele é protagonista da história: traz em si o mistério de ser imagem de Deus: “ao homem, feito à Vossa imagem — lê-se no Prefácio V dos domingos do tempo ordinário — confiastes as maravilhas do universo, para que, intérprete fiel dos vossos desígnios, exercesse o domínio sobre toda criatura, e nas suas obras glorificasse a Vós, Criador e Pai, por Cristo nosso Senhor”.

Assim o Cristo é, conosco e por nós, o “Homem Orante”.

A fé cristã tem um conceito integral do homem; não o considera apenas como superior aos outros animais (“homo sapiens”), não lhe admira tão-somente a industriabilidade (“homo faber”), nem a só capacidade organizativa e administrativa (“homo oeconomicus”).

cus”), nem se detém diante dos progressos da ciência e da técnica (“homo technicus”), mas percebe a dignidade suprema do seu ser na capacidade de dialogar com Deus, a cuja imagem foi criado. Revestido de tal dignidade, o homem descobre no Criador e Salvador o “Tu transcendente” com o qual pode entrar em relação: considera o mundo como um dom recebido d’Ele, e por isso se sente amado e se enche de gratidão, tornando-se, com tal atitude, o “liturgo do universo”. Com acerto definiu-o um estudioso — B. Häring — “*homo orans*”. Um homem que aprecia certamente a inteligência e a cultura, que se dedica à ciência e à técnica, que desenvolve a organização social e a convivência política, mas está outrossim convencido de que tudo não é apenas “objeto” para conhecer, promover e desfrutar, mas “dom” de Alguém que lhe quer bem.

A originalidade da oração cristã

Entre as muitas definições da oração praz-nos lembrar a de S. Agostinho: a oração é um diálogo com Deus.⁴

Mas que Deus? Que diálogo?

Na resposta a tais perguntas descobrimos a originalidade da oração cristã. Na base de tudo está a objetividade do mundo, a realidade, a história. Para rezar não devemos escapar à realidade, mas penetrá-la.

Uma religião simplesmente conceitual, com referência a uma transcendência possivelmente anônima, pode desaguar numa espécie de alienação e reduzir a oração a fórmulas de palavras por repetir (ou por gritar, como sugeria Elias aos falsos profetas). Quem, depois, esteja a escutar, não se sabe; os ídolos — diz o salmo — têm olhos e não vêem, e suas bocas não emitem sons.

⁴ cf. PL 22,411

O Cristianismo é propriamente uma “fé”, ou seja, um olhar que penetra a realidade e adere ao mistério que se aninha em pessoas e eventos históricos. Desse encontro brota no homem a oração qual diálogo de resposta ao Tu do Criador e Salvador que lhe quer bem e o interpela continuamente.

Esta fé está toda centrada no homem Cristo e, nEle, na história e na realidade do mundo. Em Cristo se compreende quem é verdadeiramente Deus e quais as relações do mundo e da história com Ele; o homem se sente na condição de filho pródigo; descobre que há um pacto de amizade, uma Aliança por viver em sublime diálogo.

Desta maneira, para falar adequadamente da oração, é preciso, antes de tudo, reportar-se à atitude orante de Cristo, como amadurecimento da experiência das antigas Alianças históricas: Adão, Noé, Abraão, Moisés.

É preciso reconhecer que Israel foi o povo da verdadeira oração; ensinou a rezar dialogando com o Deus Criador e Providente; era um povo muito realista, privilegiado pela experiência de Deus na vida. As bênçãos, os salmos, os vários ritos e as festas — expressões de oração desse povo — fazem sentir a presença de Deus no tempo e no mundo; saboreia-se a bênção e a alegria, a adoração e o agradecimento, o louvor e a súplica, a lamentação e o pedido de perdão, a audácia dos sentimentos e o peso das obscuridades, a angústia por tantas dificuldades e o vivo e convicto sentido de confiança, um universo de sentimentos humanos e religiosos abertos para Deus.

Um autor judeu, Robert Aron, descreve pormenorizadamente em que forma a oração do seu povo era intensa: constelava o dia, a semana e os meses, enchia o tempo de diálogo com Deus. O estudo deste autor ajuda a

imaginar a assiduidade com que a praticavam os judeus piedosos como José, Maria e Jesus.⁵

Viver sem rezar de forma autêntica e verdadeira significa, dolorosamente, não se dar conta do mistério da história e do significado genuíno do mundo.

No fenômeno dos Movimentos deve-se descobrir — o que lhes dá particular atualidade — uma forte reação contra o antropocentrismo imperante, terrivelmente reduutivo da dignidade e da vocação humana. Reagir contra um clima que quereria marginalizar o “homo orans” é certamente um ensinamento fundamental para a fé hoje.

⁵ cf. ROBERT ARON, *Così pregava l'ebreo Gesù* - Mondadori, 1988

Por Cristo, com Cristo, em Cristo

Dessa visão panorâmica da oração surge a pergunta: mas que tipo de diálogo é a oração cristã? Como ele se desenvolve na Nova Aliança, deve-se dizer que no centro está Jesus Cristo, o Mediador. A fé nos une a Ele. Ele, com o Pai, envia o seu Espírito que incorpora a Ele: “Permaneçei em mim, e eu permanecerei em vós. Eu sou a videira; vós sois os ramos. Se permanecerdes em mim e minhas palavras permanecerem em vós, pedi tudo o que quiserdes e vos será dado”.⁶

⁶ Jo 15, 1-7

A verdadeira oração é — como a fé — um dom. Ela é simultaneamente pessoal, comunitária e litúrgica. Tem uma identidade peculiar.

Para compreender seus elementos essenciais será útil concentrar a atenção sobre a *celebração da Eucaristia*.

Há nela etapas características que revelam a dinâmica da oração cristã.

— Antes de tudo a escolha de um tempo adequado que se inicia com *uma autocrítica*

penitencial, amparada pela confiança na misericórdia do Pai: grande importância tem a atitude sincera de humildade diante das próprias faltas e dos próprios limites.

⁷ 1Jo 4,19

— Vem em seguida um espaço de *escuta da Palavra de Deus*, que “nos amou primeiro”,⁷ com um comentário de meditação que insere quanto sugere nosso Senhor na atualidade da própria vida (papel iluminante da homilia!).

— Desenvolve-se em continuação o *simbolismo convival* do ofertório e da mesa, que introduz no diálogo a oferta de si mesmos e do próprio trabalho, mediante o simbolismo do pão e do vinho (pequenas coisas, mas muito significativas: vão tornar-se comida e bebida de vida eterna!): orienta a oração à atitude do dom de si.

— Inicia-se, então, o *diálogo personalizado* com o “Tu” do Pai (“Te igitur”): é o grande Amigo a quem se dirige toda a celebração e de quem se proclamam as maravilhas de um amor que cria, liberta, transforma (adoração, louvor, agradecimento, confiança).

— Atinge-se, assim, o ápice da celebração no “*memorial*” que, pelo poder do Espírito Santo, torna presentes — aqui e agora — os eventos pascais de Cristo, irmão solidário de todos: é o supremo ato humano de doação de si na resposta do homem a Deus; é o momento supremo da liturgia de todos no Cristo; é o vértice da Aliança; é a existência doada: “Concedei que alimentando-nos com o corpo e o sangue do vosso Filho, sejamos repletos do Espírito Santo e nos tornemos em Cristo um só corpo e um só espírito. Que ele faça de nós uma oferenda perfeita”.⁸

⁸ Oração eucarística III

— Reza-se, depois, o “*Pai-nosso*” com os seus dois aspectos de adoração e de súplica. Na primeira parte, tendo conhecido mediante a escuta a infinita bondade do Pai, o coração prorrompe na mais bela proclamação da es-

perança: seja santificado o Vosso nome, venha a nós o Vosso reino, seja feita a Vossa vontade. Na segunda parte, tendo clara consciência das situações concretas da existência, brota espontâneo o “nos dai hoje”, que inclui de maneira realista na oração a crônica e a história (ofensa, perdão, tentações, etc.); o Senhor sabe que somos frágeis.

— Por fim, realiza-se a “*comunhão*” com o sacramento do pão e do vinho para formar um único Corpo e viver e operar para a salvação dos outros. A celebração conclui acertadamente com o *envio em “missão”* para colaborar de fato, com as obras e com a vida, para a plena realização da Aliança.

Penso seja esclarecedor este olhar sintético sobre a celebração eucarística, quando temos a preocupação de aprofundar a natureza peculiar da oração cristã. Impressionamos desde logo o fato de se partir da humildade da “escuta” e chegar à “missão”, passando através da incorporação viva no mistério de Cristo: tornamo-nos filhos no Filho e solidários com todos os irmãos. Assim o “homo orans”, reconduzido à dignidade da primeira origem e muito além, faz resplandecer em si a imagem de Deus.

O fundamento da oração cristã

É indispensável que, no diálogo da Aliança, o crente comece com uma atitude de escuta, preparado pela humildade penitente. A autenticidade da oração firma-se, como início de resposta, numa experiência pessoal de Deus. Pensemos, por exemplo, em Moisés diante da sarça ardente. Trata-se de uma atitude de descoberta e quase de surpresa. É o Senhor que diz: “Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir minha voz e abrir a porta,

⁹ Ap 3,20

entrarei em sua casa e cearei com ele, e ele comigo".⁹

Essa atitude de atenta escuta revela-se particularmente fecunda na forma de oração que chamamos "oração mental", à qual os santos do Quinhentos espanhol deram a forma mais completa. A oração mental não é absolutamente um exercício reservado aos monges e aos eremitas, mas é o fundamento de toda oração; pois a fé é antes do mais escuta.

Não há oração — como não há vida de fé — sem a intervenção da consciência e da liberdade de cada um. A nossa própria experiência confirma que os momentos, muitas vezes mais intensos, da oração são os da interioridade pessoal: os da meditação mais que dos sentimentos, do silêncio mais do que da loquacidade, da contemplação mais do que dos raciocínios. Porque "a Palavra de Deus é viva e eficaz; mais cortante do que qualquer espada de dois gumes".¹⁰

¹⁰Hb 4,12

Quando rezares — diz o Evangelho —, entra em teu quarto, fecha a porta, e reza a teu Pai que está presente até em lugar oculto. E teu Pai, que vê o que fazes ocultamente, te dará a recompensa".¹¹

¹¹Mt 6,6

Isso não vai contra a oração comunitária, tão importante, que tem na celebração eucarística a expressão eclesial mais perfeita, mas sublinha qual a condição prévia e também a autenticidade da participação nela.

A oração mental evolui com gradualidade da meditação à contemplação; é uma atitude interior pela qual se entra em relação com o amor de Deus.

Santa Teresa descreveu-a como um trato amigável com Deus.

Paulo VI faz também uma bela descrição: "O esforço de fixar em Deus o olhar e o coração, que nós chamamos contemplação,

torna-se o ato mais alto e mais pleno do espírito, o ato que ainda hoje pode e deve hierarquizar a imensa pirâmide da atividade humana".¹²

Não devemos pensar que a "contemplação", na qual desemboca a meditação, seja uma atitude de poucos privilegiados. Não é o caso de apresentá-la aqui com difíceis definições abstratas, nem de enumerar seus diversos modos e graus com seus delicados problemas, mas, sim, de olhar para o exemplo dos Santos que viveram a nossa mesma espiritualidade. Para formarmos uma imagem concreta, basta-nos olhar para Dom Bosco: "Nós o estudamos e imitamos, admirando nele esplêndida harmonia de natureza e graça. Profundamente homem, rico das virtudes do seu povo, era aberto às realidades terrenas; profundamente homem de Deus, cheio dos dons do Espírito Santo, vivia 'como se visse o invisível'".¹³

A meditação torna-se contemplação quando o amor, nascido da escuta, assume o predomínio e faz entrar diretamente no coração do Pai.¹⁴

¹²PAULO VI,
7.12.1965

¹³Const 21

¹⁴cf. Const 12

A "meta" da oração segundo S. Francisco de Sales

Chegados a este ponto, podemos dar ainda um passo à frente para compreender de fundo a *intensidade orante* do "*da mihi animas*", que é o respiro da oração de Dom Bosco. Referimo-nos ao profundo testemunho e iluminação de S. Francisco de Sales. Sua oração levava-o a uma "união com Deus" traduzida numa vida incansavelmente apostólica, ao mesmo tempo que lhe aprofundava a natureza com perspicazes reflexões doutrinárias.

Fê-lo com impressionante originalidade sobretudo em dois livros do seu "Tratado do

amor de Deus”, o sexto e o sétimo, obra tão apreciada pelas primeiras gerações da nossa Congregação. Emprega, em suas reflexões, o termo “êxtase”; não lhe dá, porém, o sentido de perda da consciência ou de desligamento da realidade, como acontece em certos fenômenos paramísticos; o santo bispo não condescende com as evasões emotivas, que podem ser alucinatórias e reduzir-se a vãs ilusões.

“Quando se encontra uma pessoa — escreve — que na oração tem arrebatamentos pelos quais sai e sobe acima de si mesma até Deus, e, entretanto, não tem êxtase na vida, ou seja não vive uma vida elevada e unida a Deus, com a mortificação dos desejos mundanos, da vontade e das inclinações naturais, por meio de uma doçura interior, de simplicidade e humildade, e sobretudo por meio de uma contínua caridade, acredita-me, Teótimo, todos os seus arrebatamentos são muito duvidosos e perigosos; são arrebatamentos capazes de despertar a admiração nos homens, mas não de santificar quem os experimenta”.¹⁵

Com o termo “êxtase” S. Francisco de Sales aprofunda o objetivo a que deve chegar a oração mental. A meta é o arrebatamento, o “sair fora de si” pelo qual Deus nos atrai e levanta a si; chama de êxtase esse roubo porque por meio dele permanecemos acima de nós mesmos.

S. Francisco atinge, nestas reflexões, o aspecto mais alto da sua análise sobre a espiritualidade que, de seu nome, é chamada “salesiana”.

A oração leva a uma atitude interior que ultrapassa o diálogo e se torna *amor unitivo*. A resposta do eu ao Tu já não é palavra nem sentimento, mas intercâmbio de vida: a saída de si para o Amado; não é um esvaziamento, mas gozosa plenificação que faz experimentar quanto afirma o Apóstolo: “Vivo, mas não

¹⁵S. FRANCISCO DE SALES, *Tra-tado do amor de Deus*, l. VII, c. 7

sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim.”¹⁶
 Uma vida que ultrapassa as motivações e as forças humanas porque se nutre de Deus. A *oração deságua, assim, na caridade*; é seu caminho indispensável, como sua mãe fecunda; mas uma mãe que esquece a si mesma pela plenitude de vida do que gerou, ou seja, da “união com Deus”.

¹⁶Gl 2,20

Este “amor unitivo”, afirma, com efeito, S. Francisco de Sales, já não se mede apenas na oração, que poderia também tornar-se quietismo; nem se identifica simplesmente com uma operosidade qualquer, que poderia ser puro ativismo, mas se traduz *numa vida e numa ação de caridade*; preocupa-se mais com a intenção do que com as palavras. Não é viver em nós, mas acima de nós; “e como ninguém pode sair desta maneira para acima de si mesmo se o Pai eterno não o atrair (Jo 6,44), segue-se que essa maneira de viver deve ser um arrebatamente contínuo e um êxtase perpétuo de ação e de operação”.¹⁷ De aí a necessidade de renovar frequentemente a oração para garantir o amor unitivo, que não é difícil e que começa dos graus mais baixos para crescer sem limites.

¹⁷o. c. I. VII, c. 6

S. Francisco de Sales enumera três tipos de arroubo na oração, três êxtases: “um diz respeito ao intelecto; um segundo, ao afeto; e um terceiro, à ação”. O terceiro — ou seja “o êxtase da vida e da ação” — coroa os outros dois, que, sem ele, ficariam incompletos: “jamais houve um santo que não tenha tido o êxtase ou o arrebatamento da vida e da ação, superando-se a si mesmo e as próprias inclinações naturais”.¹⁸

¹⁸o. c., I. VII, c. 6

O “êxtase do intelecto” pode certamente, pelo encontro com uma verdade iluminante, alimentar uma especial contemplação. E também o “êxtase do afeto” pode despertar um entusiasmo de fervor acima de nós mes-

mos. Ambos, porém, ordenam-se a fazer desabrochar o testemunho da vida e a colaboração da ação; estão ligados ao terceiro; pena que não necessariamente.

Se o arrebatamento da inteligência — diz o santo — é mais belo que bom, mais especulativo que afetivo, mais de ciência que de experiência, mais de vista que de gosto e sabor, continua muito duvidoso. E se o arrebatamento do afeto é mais de sentimento que de empenhamento, mais de fervor na admiração que de sacrifício de si, mais de sensibilidade que de operosidade, mais doce que prático, revela-se perigosamente superficial.

“Dois são os principais exercícios do nosso amor para com Deus — escreve —, um afetivo e outro efetivo. Em força do primeiro amamos a “Deus e o que Ele ama; em força do segundo servimos a Deus e fazemos o que ele nos manda... Por meio de um *concebemos*, por meio do outro *geramos*; com o primeiro pomos Deus em nosso coração..., com o segundo colocamo-lo em nossos braços, como uma espada de dilação com a qual realizamos todos os atos de virtude”.¹⁹ E acrescenta: “Há inspirações celestes, para cuja realização não só é necessário que Deus nos erga acima das nossas forças, mas também que nos eleve acima dos instintos e das inclinações da nossa natureza. De fato, tais inspirações, conquanto não contrárias à razão humana, superam-na, estão acima delas e lhe são superiores: de sorte que em tal caso não vivemos apenas uma vida civil, honesta e cristã, mas uma vida sobre-humana, espiritual, devota e extática, ou seja, uma vida que, em cada caso, está fora e acima da nossa condição natural...

Abandonar todos os nossos bens, amar a pobreza, chamá-la e considerá-la uma deliciosa patroa, considerar os opróbrios, o desprezo, as abjeções, as perseguições, os martírios

¹⁹o. c. l. VI, c. 1

como felicidades e bem-aventuranças, conservar-se nos limites de uma absoluta castidade, e enfim viver no mundo e nesta vida mortal contra todas as opiniões e máximas do mundo e contra a corrente do rio desta vida, com habitual resignação, renúncia e abnegação de nós mesmos, não é viver segundo a natureza humana, mas acima dela”.²⁰

²⁰o. c. I. VII, c. 6

A união com Deus é, pois, a verdadeira meta da oração; tem muitos graus e cresce sempre; começa pequena e com carências, cresce a pouco e pouco; é “uma luz que aumenta como o alvorecer do dia”.

Estas reflexões de S. Francisco de Sales mergulham-nos no realismo da oração salesiana.

Um estudioso de S. Francisco de Sales, André Ravier, afirma que esta profunda visão, fruto da experiência pessoal do Santo, trouxe como consequência em seu tempo uma espécie de soçobro mental: “De golpe, a “devoção” (= espiritualidade) libertava-se das conhecidas controvérsias que viam oposição entre contemplação e ação, culto interno e culto externo, piedade e juridicismo canônico, ascese e mística, serviço de Deus e serviço dos homens e, mais profundamente, entre monge e leigo”.²¹

²¹ST. FRANÇOIS DE SALES, *Oeuvres - Bibliothèque de la Pléiade* - Ed. Gallimard, 1986: “Introduction à la Vie devote”, p. 8

Podemos lembrar aqui algumas afirmações de Dom Bosco e dos seus sucessores sobre a importância que tem para nós o testemunho e a doutrina de S. Francisco de Sales.

“Oh, se os Salesianos — disse Dom Bosco numa conferência aos irmãos — pusessem realmente em prática a religião assim como a entendia S. Francisco de Sales, com o zelo que ele tinha, moderado pela mansidão que ele tinha, então eu poderia de fato me orgulhar, e haveria motivo para esperar um bem enorme no mundo! Diria, até, que o mundo nos haveria de seguir”.²² O P. Albera, o segundo

²²MB 12 630; cf. 30

sucessor, falou repetidas vezes do nosso Patrono; na circular sobre o “espírito de piedade” falou da prática da “oração contínua” insistindo, de modo particular, em que se praticasse na Congregação a “*piedade ativa* de que trata muitas vezes S. Francisco de Sales, e que foi o segredo da santidade de Dom Bosco”.²³

²³*Lettere di don Paolo Albera*, ediz. 1965, p. 40

E o P. Rinaldi, terceiro sucessor, referindo-se à indulgência do trabalho santificado, escrevia: “Notai que este favor nos foi outorgado no terceiro centenário da morte do nosso celeste Patrono S. Francisco de Sales, cuja suave doutrina está toda impregnada deste confortador pensamento. Ele poderia também ser chamado o *apóstolo da santificação do momento presente*”.²⁴

²⁴ACS, 1923, n, 17, p. 36

Para S. Francisco de Sales, pois, a oração é indispensável para chegar, no Cristo, ao amor unitivo com o Pai; de aí é que se desprende a energia que é a *caridade pastoral*: “a caridade — diz o Concílio — que é como que a alma de todo o apostolado”²⁵

²⁵*Apostolicam Actuositatem*

²⁶cf. Const 10

Sim, a alma do apostolado salesiano é a caridade pastoral!²⁶ Eis aí o objetivo que devemos privilegiar na renovação da nossa oração!

Ela não se caracteriza por expressões exteriores especiais; nada tem de afetado nas suas atitudes; não acentua altas reflexões intelectuais, embora se alimente delas; não privilegia manifestações singulares ou insólitas de sentimentos, mesmo que mova profundamente os afetos do coração; ela se concentra na efetiva identificação com a vontade salvadora de Deus para traduzi-la em atitudes práticas. Orienta suas contemplações intelectuais e os seus sentimentos de fervor para a missão de salvação. Como diz S. Francisco de Sales, com eles “concebe” em ordem a “gerar”, isto é, a fazer passar o

sangue do coração para os dinamismos dos braços e das mãos.

Parece-me útil lembrar que esta doutrina do nosso patrono coincide substancialmente com a dos dois maiores mestres da união com Deus: S. Teresa e S. João da Cruz — cujo 4º centenário da morte se celebra em dezembro —. Eles testemunharam e comunicaram a experiência de Deus que os acompanhou na árdua empresa de reforma dos religiosos.

Não obstante a profunda diferença entre o carisma carmelita e o salesiano, encontramos na mesma meta do amor unitivo. Uma coincidência que proclama a verdade: a de uma união com Deus que se tornou o “Tudo” e de um esvaziamento do eu que se tornou “Nada”; podendo afirmar: “eu vivo sem viver em mim”.

É outra maneira de falar de um mesmo “êxtase”.

Renovemos a nossa oração

À luz das reflexões de S. Francisco de Sales, vemos claramente que carisma de Dom Bosco e oração salesiana são inseparáveis entre si. Constituem uma unidade vital, a ponto que nenhum dos dois aspectos tem sentido sem o outro, porque se unem num único aspecto espiritual.

Os nossos últimos Capítulos Gerais tiveram como objetivo relançar o carisma do Fundador na nova órbita conciliar; e o Vaticano II abriu sua providencial virada exatamente com a renovação da oração da Igreja. Devia-se concluir que o relançamento de qualquer carisma chamava a privilegiar a renovação da oração, restituindo-lhe o seu papel vitalizante na comunhão eclesial dos crentes.

²⁷*Em diálogo com o Senhor* - Editora Salesiana Dom Bosco, São Paulo, 1990, págs. 7-16

Empenhamo-nos, por isso, a dar um salto de qualidade na renovação da nossa oração. A bela “Introdução” à “Guia” da oração da comunidade²⁷ apresenta-nos uma cuidadosa síntese do caminho feito na Congregação quanto às “práticas de piedade”: está aí claramente sublinhado tanto o pensamento genuíno de Dom Bosco quanto a renovação profunda que substancialmente quis o Capítulo Geral Especial, e ainda a continuidade de uma tradição viva que provém do Fundador e tem a capacidade de adequar-se aos novos tempos eclesiais.

Foi um trabalho delicado e bem sucedido; depois de experimentado na prática por dois sexênios, foi codificado pelo CG22 nas Constituições renovadas

A oração cristã — como a vocação global da Igreja e a natureza específica da fé — é, por certo, substancialmente comum a todos os crentes; mas, assim como na liturgia influem as diferenças culturais e as sãs heranças históricas, de maneira semelhante incidem nos vários tipos de oração as peculiaridades do carisma do Fundador bem como a verificação e aprovação das tradições genuínas que o radicaram no mundo.

Diante do desafio do atual secularismo e dos corajosos exemplos de reação cristã propostos por vários Movimentos eclesiais, devemos indagar em que consiste, para nós, e como vivemos a oração renovada; quais os núcleos vitais que devemos resguardar para que ela constitua de fato o respiro atual da nossa vocação.

“A oração — lemos na Introdução a que aludimos²⁸ — é o lugar do Absoluto, o lugar de Deus; ou, para sermos mais exatos, o lugar em que a ‘Palavra de Deus’ adquire o seu sentido, e, com ela, toda a nossa existência. Lugar da identidade e dos verdadeiros diá-

²⁸ib. pág. 21

logos, em que o nosso mistério toca o de Deus...

E se a oração deve ser realidade humana não pode deixar de emergir na história, em momento e espaço preciso; deve tornar-se 'prática', 'exercício'".

Se olharmos agora o texto da Regra dedicado ao nosso "diálogo com o Senhor", poderemos destacar melhor os aspectos mais característicos e vitais.

Vemos logo que o capítulo 7º das Constituições não está colocado "depois", como se fora um argumento de menor importância, mas encontra-se aí, no fim da 2ª parte, como "no vértice", à maneira de síntese vital de tudo o que o precede: como para dizer que a "missão", a "comunidade" e a "prática dos conselhos evangélicos" (ou seja, o nosso êxtase de vida e de ação), pela sua própria natureza de participação no mistério da Igreja, não podem ser vividos sem a energia da união com Deus e da caridade pastoral que procedem da oração.

A primeira coisa por sublinhar é que o modelo ao qual devemos voltar os nossos olhos é certamente Dom Bosco: "dele aprendemos".²⁹

²⁹Const. 86

Vamos ler juntos uma página do Comentário às Constituições: "Dom Bosco nos é apresentado de modo habitual como modelo de ação, menos frequentemente como modelo de oração... São numerosos (entretanto) os testemunhos sobre o espírito de oração de Dom Bosco. Pode-se dizer — declarou o P. Barberis — 'que rezava sempre; eu o vi, poderia dizer, centenas de vezes subindo e descendo as escadas sempre em oração. Rezava também pela rua. Nas viagens, quando não corrigia provas, via-o sempre a rezar!'. E o P. Rua acrescenta: 'Muitas vezes surpreendi-o recolhido em oração nos breves instantes

em que, precisando descansar, ficava sozinho'.... Dava à oração absoluta precedência: 'não se começa bem — dizia — se não do céu'.

A oração era para ele 'a obra das obras', porque a oração tudo alcança e de tudo triunfa"^{30 31}.

O Cardeal Cagliari declarou: "Dom Bosco rezava sempre, pois tudo o que fazia se dirigia à glória de Deus e o fazia na Sua presença. Portanto, era oração para ele também o trabalho contínuo, santo, inacreditável: unia com admirável perfeição a vida contemplativa à ativa".

O aspecto de fundo que se destaca no nosso Fundador é o "que une espontaneamente a oração com a vida"³². É uma característica sobre a qual insistem vários artigos constitucionais,³³ até afirmar que devemos habilitar-nos "a celebrar a liturgia da vida, até chegar à operosidade incansável, santificada pela oração e pela união com Deus, que deve ser a característica dos filhos de S. João Bosco"³⁴.

Tal característica supõe um estilo de oração impregnado de simplicidade, de alegria, de esperança; sem ceder a manifestações emotivas um tanto estranhas, mas criando um clima atraente (esplendor da liturgia) que leva insensivelmente ao gosto do sacrifício da doação de si.

O art. 12 das Constituições descreve explicitamente a meta da nossa oração: "Trabalhando pela salvação da juventude", o salesiano faz experiência viva da Aliança; "reza sem cessar"; "faz tudo por amor de Deus"!

Vale a pena reproduzir algumas linhas do já citado "Comentário": "Para compreender a profundidade desta união com Deus, é preciso reportar-se à *"graça de unidade"*, da qual falamos a propósito da nossa vocação. Ela não está primeiramente na atividade, nem sequer nas "práticas de piedade", mas no íntimo da

³⁰O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco: *Guia para a leitura das Constituições Renovadas* - Editora Salesiana Dom Bosco - São Paulo 1987

³¹Nota: Bom seria reler de vez em quando o precioso estudo do P. E. Ceria: "Dom Bosco com Deus".

³²Const 86

³³cf. art. 96, 87, 89, 92

³⁴Const 95

peessoa, impregnando todo o seu ser: antes ainda de traduzir-se em 'fazer' e 'rezar', é um 'modo espiritual de ser dinâmico', enquanto participação consciente do amor de Deus mediante a entrega de si, na disponibilidade prática para a obra de salvação. É uma atitude interior de caridade, que se volta para a ação apostólica, na qual se concretiza, se manifesta, cresce e aperfeiçoa-se".³⁵

Coloca-nos, destarte, acima da famosa distinção entre 'contemplação' e 'ação'. Dois termos que a própria tradição transmitiu-nos sempre juntos, como se o sentido de cada um deles brotasse da sua conjunção e não da sua separação. Afirma-o também o Concílio ao tratar do ministério sacerdotal.³⁶

A significativa expressão do jesuíta Girolamo Nadal: "simul in actione contemplativus" a propósito do seu Fundador S. Inácio (MHSI, Epistolae et Monumenta P. J. Nadal, V, 162) nós a interpretamos à luz da experiência de Dom Bosco, nosso modelo, que traduziu o "da mihi animas" no testermunho de toda a vida, tanto na contemplação como na ação, e fortemente também na "paixão", ou seja, na atitude constante que ele chamava "martírio de caridade e de sacrificio pelo bem dos outros".³⁷

Esta modalidade salesiana brilha com especial clareza na vida da madre Mazzarello, co-fundadora do Instituto das FMA.³⁸ Ela soube apropriar a si conaturalmente o segredo da interioridade apostólica de Dom Bosco, já manifestada pelos primeiros conselhos do Pai: "Rezai, sim, mas fazei o maior bem que puderdes, especialmente à juventude"; "crescei no exercício da presença de Deus; amai o trabalho; levai a todos amabilidade e alegria"; sede na Igreja auxiliares para a salvação".

Ele delineou o traço mais característico de uma FMA afirmando: "nela devem andar em

³⁵O projeto de vida dos salesianos de Dom Bosco: Guia para a leitura Constituições Renovadas

³⁶cf. *Presbiterorum ordinis* 14

³⁷cf. ACS 308 abril-junho 1983: "Martírio e paixão no espírito apostólico de Dom Bosco"

³⁸cf. ACS 301, julho-setembro 1981: "Redescobrir o espírito de Mornese"

par a vida ativa e contemplativa, reproduzindo Marta e Maria, a vida dos Apóstolos e a dos Anjos”.

É um fato estimulante para nós Salesianos ver na madre Mazzarello as características da nossa interioridade, levadas a enorme intensidade na simplicidade de um coração enriquecido dos preciosos valores femininos.

“Na verdade — escreve o P. Ricaldone — em madre Mazzarello “sobressaía tão grande espírito de piedade que bem se via estar ela sempre na presença de Deus, não só na oração vocal e na meditação mas também nos trabalhos materiais”. Suas filhas depuseram: ‘Vendo a Madre, *via-se uma alma que revelava Deus.... com tão límpida simplicidade que o amor de Deus parecia conatural nela*’”.³⁹

³⁹P. RICARDONE,
o. c. p. 316

Portanto, para renovar hoje a oração devemos antes do mais convencer-nos de que o carisma apostólico de Dom Bosco nos pede que *olhemos fortemente para a união com Deus*, ou seja, que estimemos todas aquelas expressões de oração, “em diálogo simples e cordial”, que nos levam ao *amor de caridade*. O Papa João Paulo II, ao falar aos capitulares no famoso 1º de maio de 1990, afirmou com razão: “Quanto mais um Salesiano contempla o mistério do Pai infinitamente misericordioso, do Filho que se fez generosamente irmão, e do Espírito Santo poderosamente presente no mundo como renovador, tanto mais ele se sente impelido por este insondável mistério a doar-se aos jovens para o seu crescimento humano para a sua salvação”.⁴⁰

⁴⁰CG23, 332

Três pólos que devem ser privilegiados

Devemos, porém, perguntar-nos se a renovação da oração foi efetivamente assumida por todos os irmãos e em cada comunidade.

Não é ousadia reconhecer que subsistem na Congregação zonas de atraso que provocam dificuldades e interrogações. E assim, em vez de saber aproveitar as experiências de outros assimilando-lhes e harmonizando-lhes os valores com as exigências do nosso carisma, elas são confrontadas negativamente com os exemplos de uma comunidade tibia. O formalismo nas práticas de piedade, a mentalidade habitudinária, o peso negativo de alguma casa desunida na observância das práticas de piedade, a ausência do tema vital da oração na formação permanente, a pouca importância dada aos tempos fortes, o descuido da genuína renovação litúrgica, a crise da penitência e a queda da ascese — e isso justamente quando na Igreja se está experimentando uma hora especial do Espírito — podem sem dúvida alguma fazer-nos compreender por que, em certos casos, se procure alhures algo de mais vital.

É necessário cuidar mais da renovação da oração. Para chegarmos a ela será preciso apoiar-nos em três pólos dinâmicos, complementares entre si, embora em três níveis distintos: o da *'pessoa'*, na oração mental e na ascese; o da *"comunidade"*, na incorporação a Cristo por intermédio da liturgia; e o da *"presença ministerial"* entre os destinatários, na ação apostólica e caritativa. Forma-se entre esses pólos uma espécie de círculo dinâmico com mútua reciprocidade para a intensificação da caridade pastoral.

Antes, porém, vamos fazer uma observação preliminar, que nos ajudará a valorizar mais o cuidado desses três pólos.

A união com Deus, que se acha no centro de tudo, tem uma gradualidade de expressões muito ampla. Elas vão da contemplação chamada adquirida (com diversa intensidade)

à chamada infusa (até altos graus místicos). Todos podem atingi-la em algum grau.

As reflexões de S. Francisco de Sales nos ajudam a avaliar a intensidade da nossa união com Deus para nos empenharmos em levantar-lhe o nível. Já vimos o significado do uso que faz do termo “êxtase”; ele exige um sair fora de si para viver em Cristo. Pois bem: se aplicarmos o conceito de “êxtase da vida” à nossa convivência em comunidade, à nossa prática dos conselhos, à nossa comunhão de um só coração e de uma só alma, será fácil medir até onde chega a verdade do “êxtase” quando descobrimos presentes em nós elementos de individualismo, de arbitrariedade, frieza, compensações perigosas, etc. Da mesma sorte, se aplicarmos o conceito de êxtase da ação ao nosso trabalho, uma avaliação objetiva far-nos-á encontrar com facilidade bom número de defeitos que não nos levam para “fora de nós”: egoísmo, susceptibilidades, intenções não sobrenaturais, concessões à soberba e à concupiscência, ativismo sem testemunho, etc.

Este exame de consciência nos convida a nos concentrarmos continuamente nos três pólos indicados para que expressem realmente a nossa caridade pastoral de união com Deus: mais oração, mais vida consagrada, mais qualidade pastoral *andam juntas*. Descubrese, assim, que o tema da oração deve ser, de fato, um empenho constante e sempre renovado e cultivado por cada irmão e por cada comunidade. É o aspecto formativo mais vital que exige atenção, revisão e permanente pedagogia de crescimento. Obrigar-nos-á a encontrar critérios práticos para coordenar a “vida de comunidade” e a “ação apostólica” em íntima harmonia com a prática da oração. Não fazer assim prejudicaria não só o testemunho da comunidade orante, mas também a

sua realidade de vida consagrada e a sua eficácia pastoral.

Três pólos, portanto, que mutuamente se incluem, que medem a própria vitalidade numa constante relação recíproca, que tem como fonte primeira a oração e como meta a caridade.

Dom Bosco dizia — como vimos — que “não se começa bem se não do céu”. Como lemos na *Imitação de Cristo*: “Deixados a nós mesmos, afundamos e perecemos. Mas por Ti visitados, vivemos e nos levantamos. Sim, somos de fato instáveis mas somos por Ti estabilizados. Tornamo-nos tibios, mas por Ti somos aquecidos”.⁴¹

Vejamos, pois, alguns aspectos dos três pólos.

⁴¹*Imitação de Cristo*, L III, n. 21

1. *O pólo da pessoa* refere-se evidentemente a cada um dos irmãos e se coloca na base de tudo. Sem “pessoa” não há oração.⁴² Não podemos safar-nos lançando a culpa sobre os outros.

⁴²cf. Const 93

É um empenho que exige espaços próprios e distintos das atividades de serviço, inteiramente dedicados ao diálogo direto com Deus. Deve-se renovar a escuta quotidiana da Sua Palavra (meditação, leitura da Palavra de Deus, participação na comunidade orante, iniciativas individuais); os tempos fortes de recuperação interior (retiro mensal, retiro trimestral de um dia, exercícios espirituais); a participação viva no ano litúrgico com suas celebrações da história da salvação: a meditação assídua dos mistérios de Cristo na reza do terço; etc.

A atitude fundamental é sempre a escuta mediante a oração mental. A Palavra de Deus é, em última análise, Jesus Cristo, contemplado por nós como Bom Pastor.⁴³ Fala-nos de muitas maneiras e sempre apropriadas às

⁴³cf. Const 11

várias situações. Mas a sua proposta central e suprema — que constitui o seu Memorial — é o seu testemunho pascal: “isto é o meu corpo que é dado por vós, este é o meu sangue derramado por vós”. É o “êxtase da vida” mais sublime!

Não se pode escutar passivamente esta Palavra de Deus, refrangida em todos os desafios que se nos apresentam. O devir da vida é complexo, mas o Memorial de Cristo é claríssimo. Uma escuta que leva à caridade pastoral não pode ser fuga do sacrifício, e menos ainda um deixar-se levar à deriva por ideologias e modas. Na pluralidade das vicissitudes repitamos sempre com o salmista: “Busco, Senhor o teu rosto: não me escondas o teu rosto”.

Um aspecto pessoal, intimamente unido à oração mental, é o empenho responsável que cada irmão deve pôr na prática da ascese da penitência. Não esqueçamos nunca que *o pecado, a falta de autodisciplina, a conduta tibbia e imortificada, o espirito de mundanidade são a morte da oração*. A autocrítica do exame de consciência feita numa sincera atitude de conversão pessoal e motivada por um agudo “sentido do pecado” — tão estranho à atual mentalidade antropocêntrica — alimenta a indispensável consciência do mistério da misericórdia do Pai e traz a alegria e a esperança do perdão.⁴⁴ Isso despertará também muitas iniciativas pessoais para intensificar a peculiar ascese do “fazer-se amar”, que nos caracteriza como apóstolos educadores.⁴⁵

Moisés, os Profetas, o próprio Jesus, os Santos e de modo particular os grandes fundadores (Bento, Francisco de Assis, Inácio de Loyola, Domingos de Gusmão, Teresa de Ávila, etc.) uniram sempre com grande intensidade a oração ao jejum, à ascese, à penitência. Se olharmos com atenção para Dom Bosco, fica-

⁴⁴cf. Const 90

⁴⁵cf. ACG 326, julho-setembro 1988: “Esforce-se por fazer-se amar”

remos vivamente impressionados: sua prática da humildade, o espírito de sacrifício, o sentido concreto da mortificação, a aceitação dos sofrimentos físicos e morais, as incalculáveis exigências do seu mote “trabalho e temperança”.⁴⁶

⁴⁶Const 18

Praz-me lembrar aqui a importância que S. Inácio de Loiola dava — na direção espiritual — aos esforços pessoais de ascese e penitência. Demonstrava estimar mais a mortificação das paixões do que o próprio tempo da oração. Aconselhava: “mais mortificação do amor próprio do que da carne, e mais mortificação das paixões do que oração; e acrescentava: *“a um homem que mantém mortificadas as paixões, deve bastar um quarto de hora para encontrar a Deus”*.”⁴⁷

⁴⁷MI, *Fontes narrativas*, cit. II, 419, n. 24; e I, 644 n. 196

Quando se fala, pois, da indispensabilidade do aspecto “pessoal” na oração, abre-se um vasto horizonte de empenhos para cada um dos irmãos.

2. *O pólo da comunidade* exige um segundo nível vital muito vinculado com a renovação litúrgica. No vértice está a incorporação a Cristo mediante a Eucaristia: aí é que a comunidade se reconstrói como tal e recebe quotidianamente as energias do Espírito Santo para ser deveras “sinal de fé” e “centro de comunhão e participação”.⁴⁸ A comunidade torna-se no Cristo “núcleo animador”, à guisa de uma pequena Igreja de base chamada a fermentar evangelicamente o território e os destinatários.

⁴⁸CG23 216,217

É verdade que sem oração pessoal não há comunidade orante: isto, porém, não basta. Não se trata de uma soma de orações individuais, mas, sim, de uma oração em conjunto. O Concílio nos convidou a um salto de qualidade de tipo comunitário. Será, destarte, conveniente interessar-se por uma

animação litúrgica oportunamente atualizada.

⁴⁹CG23, 222 O desejado “dia da comunidade”, promovido pelo CG23⁴⁹ para uma formação permanente vivaz e concreta, deveria ter no centro, em cada casa, a mais significativa celebração semanal. Seria preciso dedicar algum tempo a bem prepará-la e procurar que todos participem sinceramente.

A oração litúrgica faz que nos sintamos “Igreja-juntos” e nos mostra a originalidade carismática da nossa consagração pela qual “missão apostólica, comunidade fraterna e prática dos conselhos evangélicos são (para nós) os elementos inseparáveis, vividos num único movimento de caridade para com Deus e para com os irmãos”.⁵⁰

⁵⁰Const 3; cf. também 24 e 50

E desta consciência de “comunhão apostólica” nasce depois o empenho do “projeto pastoral” comum.

Uma observação prática, que não deseje esquecer, é a de providenciar em cada casa *uma capela digna*, com a presença vivificante do Santíssimo. “Reunidas em nome do Senhor — escreveu o Papa numa mensagem à Plenária da Congregação para a vida consagrada — as comunidades religiosas têm como centro natural a Eucaristia. É normal, por isso, que elas se recolham visivelmente em torno de um oratório (= lugar de oração), no qual a presença do Santíssimo Sacramento expressa e realiza o que deve ser a missão principal de toda Família religiosa”.⁵¹

⁵¹SCRIS, 1980, n. 1, p. 7-12

3. *O pólo da presença ministerial* entre os destinatários é o outro nível indispensável para a renovação da nossa oração.

Não é tão simples viver a “graça de unidade” e compreender o nexó que liga mutuamente entre si interioridade e operosidade na nossa presença entre os destinatários.

rios. É mister saber responder pelo menos a duas perguntas substanciais. A primeira: que significam para nós os destinatários? E a segunda: que tipo de presença, que atividade é a nossa?

Na busca de uma resposta a estas perguntas perceberemos que a Palavra de Deus se apresenta sempre com exigentes novidades. Nestes decênios as novidades se chamam: relançamento do carisma de Dom Bosco,⁵² nova Evangelização,⁵³ nova Educação.⁵⁴ O que vale dizer, um vasto campo inseparável da escuta do que o Senhor vai sugerindo mediante os sinais dos tempos, o magistério dos Pastores e as orientações da Congregação.'

Os destinatários são para o salesiano uma espécie de "sarça ardente" que lhe faz lampejar sua especial Aliança; ele vê neles a imagem de Deus; suas necessidades materiais se tornam as suas preocupações espirituais.

Afirma acertadamente o CG23: "Nós cremos que Deus ama os jovens. Esta é a fé que se encontra na origem da nossa vocação... Cremos que Jesus quer partilhar "sua vida" com os jovens: eles são a esperança de um futuro novo e trazem em si, oculto em suas expectativas, as sementes do Reino. Cremos que o Espírito se faz presente nos jovens e que por meio deles quer edificar uma comunidade humana e cristã mais autêntica... Cremos que Deus nos está a esperar nos jovens para oferecer-nos a graça do encontro com Ele e para dispor-nos a servi-lo neles, reconhecendo-lhes a dignidade e educando-os para a plenitude da vida. O momento educativo torna-se, destarte, *o lugar privilegiado do nosso encontro com Ele*".⁵⁵

Esta é a primeira resposta: procuramos nos destinatários o rosto de Cristo!

Mais: a presença e a ação fazem do salesiano o sinal e o portador do amor de Deus aos

⁵²ACG 312, janeiro-março 1985: "O texto renovado da nossa Regra de vida"

⁵³ACG 331, outubro-dezembro: "A nova evangelização"

⁵⁴ACG 337, julho-setembro 1991: "Nova educação"

⁵⁵CG23 95

jovens. Não se trata, por isso, de qualquer “presença”. Presenças há que poderiam até levar-nos para longe da oração; aqui se trata de uma “presença ministerial”, que nos faz ouvir da própria boca de Jesus Cristo: tinha sede e tinha fome e me deste de beber e de comer.

Além do mais, a presença é acompanhada não de uma “ação qualquer”, que poderia ser até de ordem simplesmente humanitária, cultural, social ou política, mas — como diz o Concílio — uma “ação apostólica e beneficente”,⁵⁶ provinda do Espírito do Senhor e por ele animada. Somente uma ação desta ordem “pertence à própria natureza da vida religiosa, pois se trata de um ministério santo e de uma obra própria da caridade que (nos) foi confiada pela Igreja, para ser executada em nome dela”⁵⁷

⁵⁶*Perfectae
caritatis* 8

⁵⁷ib.

A ação “apostólica e beneficente” é, de si mesma, rica de união com Deus e portadora de mais intensa oração. Não é ocasião de distração, mas espaço para um encontro especial. Todavia, para que a ação seja verdadeiramente apostólica, deve ser animada pelo fogo da caridade pastoral. Ela é, de fato, a alma do apostolado, mas também a ação apostólica se torna animadora da caridade pastoral!

No coração do salesiano deve aninhar-se o grande segredo que alimenta este fogo.

Assim sendo, não deveria haver dualismo entre trabalho e oração, porque a oração se traduz em apostolado, e o trabalho apostólico intensifica a oração.

Foi o que o Papa também destacou no já citado discurso aos capitulares ao falar da nossa missão educativa: “Apraz-me salientar em primeiro lugar, como elemento fundamental, a *força de síntese unitiva* que brota da caridade pastoral. Ela é fruto da força do

Espírito Santo que assegura a inseparabilidade vital entre união com Deus e dedicação ao próximo, entre interioridade evangélica e ação apostólica, entre coração orante e mãos operantes. Os dois grandes Santos, Francisco de Sales e João Bosco, testemunharam e fizeram frutificar na Igreja esta esplêndida “graça de unidade”. Rompê-la significa abrir um perigoso espaço àqueles *ativismos* ou *intimismos* que constituem uma tentação insidiosa para os Institutos de Vida Apostólica. Pelo contrário, as riquezas secretas, que esta “graça de unidade” traz consigo, são a confirmação explícita, provada com toda a vida dos dois Santos, de que a união com Deus é a verdadeira fonte do amor operoso ao próximo”⁵⁸

⁵⁸CG23, 332

Que o Espírito e Maria nos ajudem

Queridos irmãos, estas reflexões nos convidam a intensificar na Congregação a preocupação por uma oração renovada em sintonia com o carisma de Dom Bosco. Deu-se, por certo, nestes anos pós-conciliares um bom passo à frente. O Vaticano II trouxe-nos um clima novo: o sentido do mistério, a multiforme presença de Deus, do Cristo e do seu Espírito, a vitalidade da comunhão eclesial, a preciosa renovação da liturgia, o maravilhoso significado da criação e também do “mundo” com a sua complexidade e com a dimensão escatológica da história. Os Capítulos Gerais apresentaram-nos o carisma de Dom Bosco nesta imensa órbita de renovada espiritualidade.

Há já algum tempo que mais ou menos todos nos estamos convertendo. Mas falta sempre muito para que nos convertamos plenamente, sobretudo no delicado campo da

oração. O segredo da oração está, em primeiro lugar, na “pessoa”, cuja atitude fundamental é a oração mental. Nela deve cada um de nós encontrar a sua “trapa” para a contemplação; a Providência, de sua parte, em certos períodos especiais da vida nos colocará também em algum “mosteiro” de vida onde haverá mais paixão que ação, como na doença e na velhice.

Para facilitar concretamente entre nós a oração mental salesiana, será preciso que em cada Inspetoria se proveja a presença de animadores competentes, sobretudo no que respeita aos aspectos da liturgia e das várias práticas comunitárias. O Inspetor e o Diretor, de modo particular, sintam-se responsáveis por garantir com todos os meios uma autêntica renovação.

O carisma de Dom Bosco brilhará, por esta forma, com seu peculiar fascínio. E tudo o que servir para melhor apreciar-lhe a identidade e para rejuvenescer-lhe as raízes profundas poderá ser acolhido com gratidão e proveito. Ao invés, tudo o que lhe ofuscasse o primado em nossos corações ou lhe diminuísse a atração deveria ser por nós cuidadosamente evitado.

A oração salesiana não é difícil nem complicada; é feita para todos: para os jovens e para o povo; faz ver que a vocação à santidade não é só para uma pequena elite, nem apenas para “espaços monásticos”; ela vive inscrita no quotidiano, no ordinário e no extraordinário, na atividade e na enfermidade, em qualquer estado e em qualquer profissão, em qualquer idade e em qualquer situação.

Há também, nos Grupos da Família Salesiana, modalidades um pouco diferentes de dedicação à oração. Nós, por exemplo, ficamos muito felizes quando as Visitandinas de S. Francisco de Sales quiseram ser arroladas

entre os nossos Cooperadores; assim como admiramos os desígnios de Deus que faz surgir aqui e ali grupos dedicados com mais espaço de tempo a uma oração que quer respaldar a intensidade da caridade pastoral em toda a Família. Surgiu, por exemplo, no Colle Don Bosco, nos Becchi, uma presença de oração permanente a favor da santidade dos jovens. Fica situada ao lado da pequena casa de Mãe Margarida, onde teve início o nosso carisma, exatamente no lugar que João Paulo II chamou "Colina das bem-aventuranças juvenis" e "escola de espiritualidade". Os peregrinos, nomeadamente jovens, que aí chegam à procura de mensagens de esperança, associam-se de bom grado à adoração e à escuta, e compreendem que é necessário na vida saber rezar.

De modo particular, porém, deveríamos preocupar-nos mais, nas Inspetorias, em fazer nascer grupos jovens de oração com as características próprias do carisma salesiano. Mais ainda: a nossa pastoral juvenil deveria promover verdadeiras escolas de oração ativa para contrastar a perda do sentido de Deus em tanta juventude. Não alcançará bom êxito a promoção de uma espiritualidade juvenil que não cultive o espírito de oração.

Sabemos, queridos irmãos, que o carisma de Dom Bosco é um precioso dom do Espírito e de Maria à Igreja. De fato, juntamente com a ação vivificante do Espírito Santo, ao longo dos séculos, Maria também intervém. No que tange ao nosso carisma, no-lo garante explicitamente o Fundador.

Que, então, o Espírito e Maria nos ensinem a rezar no mesmo estilo salesiano com que o fizeram Dom Bosco e Maria Mazzarello.

Estou-lhes escrevendo estas reflexões no clima da solenidade da Assunção de Nossa Senhora; é a grande Páscoa pessoal de Maria,

o mistério que nela universalmente inicia o papel materno de Auxiliadora na história.

Quando o Espírito atualizou em Maria a sua capacidade de ser mãe, nasceu nela Jesus, nosso Irmão e Senhor, ao qual o Pai podia dizer com absoluta verdade: “Tu és o meu Filho predileto”,⁵⁹ e o coração orante de Jesus podia responder: “Eis que venho, ó Pai, para fazer a vossa vontade”.⁶⁰

⁵⁹Mc 1,11; cf. Hb 1,5

⁶⁰Hb 10,7

A essa atitude de Cristo assemelha-se a de Maria na Anunciação: “Eis aqui a escrava do Senhor, faça-se em mim segundo a Tua vontade”.⁶¹ Atitude orante, “filial” e “missionária”, que vai da união de amor com o Pai ao realismo da vida ativa no dia-a-dia.

⁶¹Lc 1,38

Peçamos com insistência ao Espírito do Senhor, primeiro Autor do nosso carisma, que, por intercessão de Maria sua Esposa, nos faça crescer constantemente numa interioridade que nos leve também a nós “a unir espontaneamente a oração com a vida”.⁶²

⁶²Const 86

Amemos com entusiasmo a identidade da nossa vocação e alimentemo-la quotidianamente com o autêntico “espírito de piedade” herdado de Dom Bosco. Este é o caminho que nos conduz ao Amor!

Uma saudação cordial a todos.

Com estima e afeto no Senhor,

P. Egídio Viganó

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES

2.1 SALESIANOS E MOVIMENTOS ECLESIAIS

P. Juan E. Vecchi
Vigário do Reitor-Mor

Há tempos e de diversas partes chegam ao Conselho Geral perguntas sobre os movimentos de espiritualidade existentes hoje na Igreja em referência à identidade salesiana. Interessa sobretudo a presença de tais movimentos nos ambientes pastorais e educativos confiados à nossa responsabilidade e o envolvimento pessoal dos irmãos.

Na última sessão de junho-agosto, após observar as dimensões que o fenômeno tem nas diversas regiões da Congregação, o Conselho Geral aprofundou o argumento. As conclusões a que chegou podem servir às Inspetorias e às comunidades locais para oportuno discernimento.

1. Uma avaliação positiva

A “Christifideles Laici” destaca a riqueza atual das associações e movimentos eclesiais e vê nela a “versatilidade dos recursos que o Espírito alimenta no tecido eclesial... a capacidade de iniciativa e a generosidade do nosso laicato” (n. 29).

Reconhece outrossim que o fato de os fiéis se associarem por motivos espirituais e apostólicos, embora obedeça a múltiplos motivos culturais e sociológicos, tem, entretanto, uma razão mais profunda: o fato de a Igreja ser comunhão e de esta se expressar de forma muito vária a fim de construir uma unidade que não está somente no início da Igreja mas no seu termo (cf. *ib.*).

Alonga-se depois na exposição dos critérios para discernir a validade dos movimentos eclesiais, e o serviço que os pastores são chamados a prestar à comunhão tanto no respeitante às relações de estima, cordialidade e colaboração entre as várias formas agregativas, como no que se refere a “uma contribuição fecunda e ordenada para a edificação da casa comum” (n. 31), que é a Igreja visível num lugar concreto.

Movimentos e associações não somente oferecem uma experiência comunitária, mas propõem também um estilo de presença cristã no mundo e inspiram uma forma de ação apostólica ligada a uma espiritualidade típica que acentua determinados aspectos por vezes de forma que chama a atenção; a oração espontânea e partilhada, a expressão do amor mútuo, a militância social ou cultural. Tais espiritualidades difundem-se também mediante eventos eclesiais e literatura auxiliar e se tornam proposta porque respondem a necessidades sentidas no mundo de hoje.

O fenómeno merece também de nossa parte atenção e avaliação positiva. Não existem, pois, reservas nenhuma sobre o mérito. Salesianos e outras Congregações estamos incluídos nesta corrente de comunhão de acordo com o que afirma o documento citado: “... na história da Igreja tal fenómeno representou sempre uma linha constante, como o provam até aos nossos dias as várias confrarias, as ordens terceiras e os diversos sodalícios. Ele recebeu, todavia, um notável impulso nos tempos modernos que têm visto o nascer e o irradiar de múltiplas formas agregativas: associações, grupos, comunidades, movimentos” (n. 29).

Neste intercâmbio de dons eclesiais, somos chamados a dar a contribuição da nossa espiritualidade e do nosso estilo pastoral.

2. A presença dos movimentos nos ambientes educativos e pastorais salesianos

Os ambientes pastorais e educativos de que somos responsáveis são o lugar onde mas freqüentemente entramos em contacto com os diversos movimentos e associações da Igreja. Eles se difundem nas paróquias graças à capacidade dos membros de apresentá-los ou às recomendações da Hierarquia

local. Advertimos também aí a multiplicidade das agregações e as diferenças que existem entre suas orientações espirituais e entre suas modalidades de ação.

A *paróquia* reúne e exprime todo o Povo de Deus que vive num lugar. Deve estar atenta às várias expressões da comunidade eclesial. Por isso é muitas vezes apresentada como “uma comunhão de comunidade”. Os movimentos contribuem para dar-lhe vivacidade comunitária e capacidade de intervenção no território.

Enquanto “salesiana”, a paróquia imite na Igreja particular os dons e sensibilidades característicos de um carisma.

Dessa dúplice consideração surgem alguns critérios relativos à presença e participação das agregações eclesiais nas nossas paróquias.

Os primeiros que devemos tomar em consideração são os critérios que nos aponta a ChL no n. 30. Servem não apenas para um discernimento inicial de aceitação, mas também, ao depois, para moderar tendências, equilibrar linhas e corrigir eventuais desequilíbrios mediante uma obra de governo pastoral.

Segue-se uma segunda indicação. Não é possível pensar que toda a dinâmica da paróquia gire ao redor de um só movimento. Porque, na realidade, nenhum deles representa a totalidade do povo de Deus nem foi chamado a dirigi-lo. A pluralidade de expressões, o propósito de comunhão visível, o serviço à comunidade a partir de seus pedidos e necessidades, e o sentido da própria relatividade deveriam, ao invés, constituir convicções compartilhadas e princípios para a orientação pastoral.

O acompanhamento espiritual deve ser garantido a todas as agregações na medida em que elas o pedirem, ou os que são responsáveis pelo serviço pastoral da paróquia lhe advertirem a necessidade. Este serviço sacerdotal dirigido a todos exige conhecimento e simpatia e se adapta melhor aos pastores do que a pertença exclusiva e plena, decididamente desaconselhada, a um só movimento ou agregação. Parece necessário, além do mais, que quem favorece a inserção e o desenvolvimento de um movimento num ambiente paroquial salesiano não esteja agindo somente por preferência pessoal mas tenha em vista o projeto pastoral. As paróquias são confiadas à Congregação, que reveza as pessoas e garante a

continuidade substancial da sua identidade. Uma convergência, em linha geral, sobre orientações e opções em nível inspetorial não é apenas recomendável mas indispensável. Com efeito, as situações de mal-estar e de conflitualidade surgem quando se decide a partir de opções individuais, ao passo que o artigo 44 das Constituições envolve no discernimento das linhas pastorais toda a comunidade guiada pelo Superior

Acima e na base destas indicações particulares deve estar o empenho de servir à comunidade paroquial e à Igreja particular, pondo em ação todas as riquezas do carisma salesiano. Isso encontrará a sua expressão — segundo a fisionomia própria da paróquia — na orientação espiritual de todas as agregações e, de modo especial, na constituição e animação das associações que têm como referência o espírito salesiano. Não é concebível uma paróquia salesiana que na escolha das agregações exclua, ponha em segundo lugar ou descuide a vitalidade das que exprimem suas mesmas riquezas.

O panorama apresenta-se um pouco diferente nos *programas educativos destinados principalmente aos jovens*. Há maior homogeneidade no ambiente, as agregações convergem mais sobre finalidades comuns, coordena-se melhor sua disponibilidade para colaborar num projeto comum. Algumas são abertas à contribuição pedagógica salesiana e possuem uma carga educativa, espiritual e apostólica que qualifica o ambiente. Outras, ao invés, pedem apenas um espaço material para desenvolver as próprias atividades e o próprio programa por vezes reduzido a uma única dimensão.

É preciso, então, procurar alguma linha de avaliação sem a pretensão de esgotar um fenômeno bastante complexo. É necessário que as finalidades, o estilo e o programa das agregações juvenis, também das nossas, sejam compatíveis e convergentes com os proclamados e perseguidos pelos respectivos centros juvenis. Isso diz respeito aos objetivos, aos níveis de seletividade, à integração entre evangelização e promoção humana, ao justo equilíbrio entre formação e empenho, à intenção educativa e tantas outras.

Uma vez que se trabalha numa comunidade juvenil, pede-se aos diversos movimentos que manifestem a pertença a ela assumindo responsabilidades na animação e participando

ativamente na programação comum. São, pois, menos consentâneos, embora não devam necessariamente ser excluídos, os grupos que entendem viver à parte, justapostos à comunidade do oratório, centro juvenil ou comunidade escolar.

O acompanhamento formativo de todos os grupos segundo as próprias modalidades e exigências deve ser tomado como compromisso irrenunciável por salesianos e animadores. Isso oferecerá a possibilidade de impregnar de espírito salesiano os programas particulares, sempre respeitando as respectivas originalidades.

3. O envolvimento e a pertença dos irmãos nos movimentos eclesiais

O conhecimento e a assistência de movimentos leva muitas vezes a envolver-se mais profundamente e, por vezes, também a professar uma como pertença e a assumir a espiritualidade deles.

Isso merece um comentário, precedido de uma observação tão óbvia quão indispensável: os movimentos são muitos; diversos também seus propósitos, exigências e propostas. Várias igualmente são as formas de envolvimento e as razões que movem os irmãos a aderir a eles. Torna-se impraticável a casuística bem como as generalizações.

Pelo contrário, não é inútil nem impossível um esforço de discernimento. Pois como certos sinais servem para julgar a validade eclesial ou não dos grupos e movimentos, assim também alguns sintomas revelam a coerência ou desarmonia da participação nos movimentos com uma profissão religiosa que já traz consigo uma pertença, uma espiritualidade e um estilo apostólico.

O conhecimento das associações e movimentos que operam na própria Igreja é certamente indispensável para uma comunidade de pastores e é também vantajoso um intercâmbio vital de sensibilidade e experiências com eles. Não são o encontro e o intercâmbio que se deve temer. A identidade não é defesa e separação, mas capacidade de confronto e assimilação segundo a originalidade própria.

Situação diversa é a dos irmãos que assumem como serviço pastoral, mesmo fora das nossas estruturas, a assistência

espiritual de algum movimento ou associação. Isso exige naturalmente que se sintonize com eles e se tome parte em seus momentos significativos. Também nesse caso não há inconvenientes se o compromisso for assumido de acordo com o diretor em consonância com o projeto da comunidade, e a espiritualidade e o estilo pastoral salesiano continuarem a inspirar a vida do irmão.

Pode, todavia, haver uma terceira situação: irmãos que, em busca de maior intensidade espiritual ou por opção apostólica, envolvem-se por inteiro num movimento com formas de participação que se sobrepõem às exigências da vocação salesiana e a dominam.

As possíveis causas deste fenômeno já se refere o Reitor-Mor na sua carta, e receita o remédio fundamental numa retomada da espiritualidade salesiana. O seu aprofundamento pessoal e comunitário e o reflexo sobre a orientação pastoral da obra são a condição para que a abertura máxima e o intercâmbio de dons espirituais com outros movimentos se tornem vantajosos para nós e para eles.

Justamente como comentário desta linha fundamental tornam-se oportunas algumas indicações.

Dos superiores de comunidade e dos animadores salesianos de ambientes pastorais se requer sobretudo um serviço à comunhão e à identidade, o que pressupõe competência doutrinária e esforço de animação. Para essas tarefas os Regulamentos lhes pedem dedicação total (cf. Reg. 172). Não é, pois, indicado que assumam compromissos estáveis em movimentos ou encorajem nos irmãos tal opção. Preocupem-se antes com os outros aspectos apontados nos critérios precedentes: o espírito eclesial de todos os movimentos, o acompanhamento pastoral, a contribuição salesiana.

Particular atenção merecem os irmãos em fase de formação inicial. Eles vivem uma etapa em que a espiritualidade salesiana não é um objetivo setorial, mas deve impregnar o viver cotidiano, inspirar a práxis pastoral e também plasmar a visão de não poucas realidades humanas e eclesiais. Devem, pois, vivê-la da maneira mais completa e serena possível e adquirir também o enfoque doutrinário. Se contatos ocasionais podem ser vantajosos, a participação sistemática, o envolvimento e menos ainda a pertença não se mostram convenientes.

Por fim, visto que as situações se apresentam tão várias, convém que, onde o fenômeno dos movimentos de espiritualidade e as agregações eclesiais incidem sobre a vida da comunidade e sobre o trabalho pastoral, os irmãos façam um discernimento para descobrir linhas de atuação coerentes com sua vocação de educadores-pastores salesianos.

2.2. A FORMAÇÃO DO SALESIANO EDUCADOR PASTOR: REFLEXOS DO CG23 SOBRE A FORMAÇÃO INICIAL

P. Giuseppe NICOLUSSI e P. Luc VAN LOOY
Conselheiros para a Formação e para a Pastoral Juvenil

A Congregação assumiu como empenho prioritário para o sexênio 1990-1996 “a formação e qualificação contínua dos irmãos” (CG23, 221). Considera-a uma exigência da missão e uma condição indispensável para responder ao desafio de educar os jovens na fé no contexto da nova evangelização.

O CG23 ao falar de formação e qualificação indica alguns objetivos concretos: a renovação espiritual, a qualificação pastoral, a competência educativa e profissional; mais concretamente, a preparação dos irmãos às funções de educadores da fé, de animadores das comunidades pastorais e de formadores dos leigos (cf. CG23, 223).

Este compromisso, que a Congregação assume com prioridade, diz respeito a todos os irmãos, mas vale com maior razão para os irmãos em formação inicial; não só porque ela deve ser vista na perspectiva da formação permanente e de certa maneira constitui sua orientação de base, mas porque é tarefa própria da formação inicial preparar o salesiano educador pastor. Neste sentido, muito embora não tenha o CG23 feito referências explícitas à formação inicial, tudo o que ele diz refere-se essencialmente a ela.

Vamos lembrar alguns pontos sobre os quais insistiu o Capítulo, como estímulo para verificar a contribuição que a

preparação intelectual e a inserção no trabalho educativo pastoral devem dar à formação do salesiano educador pastor.

1. Alguns pontos sobre os quais insiste o CG23

O CG23 une formação e qualificação, definindo a interioridade apostólica como “ao mesmo tempo caridade pastoral e capacidade pedagógica” (CG23, 221). A formação do salesiano educador pastor tende a integrar nele a qualidade educativa pastoral com a profundidade espiritual, interessando contemporaneamente o aspecto humano, profissional, cristão e salesiano. É um processo que dura toda a vida e se cumpre mediante o aprofundamento teórico e a experiência vivida e refletida.

O CG23, explicitando este empenho, pede que o salesiano se forme como “educador da fé, animador das comunidades pastorais e formador de leigos” (CG23, 223). Queremos agora evidenciar três exigências que essa tarefa traz consigo:

a. *Qualidade profissional* no campo educativo e no da evangelização.

O empenho prioritário proposto pelo Capítulo para este sexênio inclui explicitamente “a qualificação contínua dos irmãos” (CG23, 221).

Guiar o conjunto do processo educativo para o modelo de “homem novo em Cristo” é tarefa que não pode ser deixada somente à boa vontade, à incidência de intervenções esporádicas e menos ainda à improvisação (cf. CG23, 220). Capacidade profissional e vida religiosa devem concorrer para qualificar o salesiano no mister de educar na fé. Não é suficiente assimilar conhecimentos fragmentários; é necessário possuir um quadro teórico, amadurecido com seriedade científica e fruto de um saber orgânico das muitas dimensões unificadas, que favorece no salesiano uma mentalidade pedagógica e pastoral (cf. FSDB, 233).

A qualificação do salesiano não se limita a esta formação de base, uma vez que não se trata apenas de manter o nível atingido, mas continua no esforço permanente para fazer progredir com criatividade a qualidade da atuação profissional-educativa nos diversos contextos (cf. FSDB, 231).

b. *Capacidade de colaborar* num projeto comum de pastoral orgânica.

A práxis pastoral salesiana se expressa na ação de uma comunidade que, diante da multiplicidade dos estímulos e das tarefas, opera de maneira orgânica e unitária (cf. CG23, 240), elabora e promove um projeto educativo-pastoral realizado em co-responsabilidade e constantemente avaliado e aperfeiçoado (cf. CG23, 89-90). Essa práxis exige clareza de conceitos, conhecimento do contexto, capacidade de proposta, flexibilidade e criatividade no processo de realização. Exige do salesiano uma mentalidade projetual e a capacidade de agir em co-responsabilidade.

c. *Capacidade de animação*

“Construir a comunidade educativo-pastoral significa conseguir envolver diretamente todos os membros e torná-los co-responsáveis da experiência educativa e da formação cristã” (CG23, 232). O salesiano convida à colaboração os leigos e em particular os jovens, desenvolve um estilo de participação e cria um clima de co-responsabilidade.

Para chegar a esta experiência de comunhão operativa é preciso percorrer um sério caminho de formação que promova “a profissionalidade, a capacidade educativa e o testemunho em ordem à educação da fé” (CG23, 237). Cabe ao salesiano propor este caminho. Para tanto é indispensável a preparação de salesianos abertos à colaboração, válidos animadores de experiências de formação. São necessários também irmãos especializados nas várias ciências, que possam acompanhar com competência os leigos co-responsáveis.

A capacidade de animação encontra um campo exigente e ao mesmo tempo privilegiado na experiência dos grupos e dos movimentos; fazê-los nascer e segui-los no seu desenvolvimento, colher a oportunidade de acompanhamento pessoal e comunitário que eles oferecem, valorizar a sensibilidade vocacional que despertam, abri-los e empenhá-los nos valores característicos da espiritualidade juvenil salesiana, não são serviços que se possam prestar sem preparação e competência.

As insistências capitulares que lembramos fazem parte do empenho prioritário pela formação e qualificação contínua dos

irmãos, e devem ser lembradas na elaboração do plano orgânico inspetorial de formação permanente (cf. CG23, 223).

Que resposta pode dar a formação inicial a esta deliberação capitular? É oportuno retomar algumas considerações sobre a formação pastoral durante a formação inicial e indicar alguns pontos para uma avaliação. Uma avaliação mais completa da práxis formativa nas Inspetorias e nas comunidades locais pode tomar como ponto de referência a Ratio FSDB e os diretórios inspetoriais.

2. A “formação pastoral” durante a formação inicial: alguns pontos fundamentais

Toda a formação salesiana tem uma perspectiva pastoral, porque sua orientação específica é determinada pela natureza religiosa e apostólica da vocação salesiana (cf. Const. 97).

A formação inicial tende a preparar o salesiano “educador-pastor dos jovens na forma laical ou sacerdotal que lhe é própria” (Const. 98) e a fazer amadurecer nele uma atitude de formação permanente que lhe permita “responder às exigências sempre novas da condição juvenil e popular” (Const. 118).

Na experiência formativa harmonizam-se em unidade vital *quatro elementos*: o amadurecimento humano, a preparação intelectual, o aprofundamento da vida consagrada e a inserção no trabalho educativo-pastoral (cf. Const. 102). Os quatro são indispensáveis para a formação pastoral, para desenvolver a caridade, o sentido e as capacidades pastorais (cf. FSDB, 74-78). Não se pode, portanto, reduzir a formação pastoral às experiências pastorais ou identificar a formação apostólica com as atividades diretamente apostólicas.

Durante o processo formativo a acentuação destes aspectos é diversa segundo o carácter específico de cada fase. Diverso é também o equilíbrio ou a dosagem deles, embora salvaguardando a unidade e a continuidade da experiência. Os vários períodos de formação implicam, com efeito, ritmos diversos de afastamento e de presença (cf. FSDB, 162. 167. 171. 288. 289). No imediato pós-noviciado, por exemplo, acentuar-se-á a preparação intelectual, e no tirocínio a inserção no trabalho apostólico (cf. CG21, 262). Fazer do pós-noviciado um tirocínio ou do tirocínio um período caracterizado pelo empenho na

preparação intelectual, falsearia o sentido formativo de ambas as fases.

A formação intelectual e a inserção no trabalho educativo pastoral, como aspectos determinantes da formação pastoral, merecem uma particular reflexão.

Nestes dois âmbitos, formação intelectual e “experiências pastorais”, *a realidade que se encontra* nas Inspetorias é por muitos motivos diversa.

De um lado aumentou o esforço para dar maior qualidade à preparação intelectual e orientar os estudos conforme as exigências da vocação salesiana: elaboraram-se programas, estruturaram-se currículos, muitas vezes reconhecidos também em nível civil, cuida-se da formação de uma consistente mentalidade pastoral e pedagógica, existe a preocupação de amadurecer uma disposição para o estudo e para a reflexão, que não termine com o fim do “período dos estudos”, mas continue como componente da atitude de formação e qualificação contínua.

Em outras situações, a decadência da qualidade dos estudos em nível geral, o reduzido número de vocações e de formadores preparados neste campo, a ausência de centros de estudos salesianos qualificados ou de alguém que se preocupe de uma programação adequada, a freqüência de centros de estudos que pouco respondem às nossas exigências específicas, e outros fatores... podem levar a um enfraquecimento da formação intelectual e em seguida da formação pastoral, constituindo desafios a serem enfrentados com urgência.

Na sua relação ao CG23, o Reitor-Mor referiu-se várias vezes à necessidade de uma preparação específica e de profissionalidade educativa para responder aos compromissos da missão. Mesmo reconhecendo os esforços feitos e o caminho percorrido, ele observa que “as novas pessoas e os novos espaços de educação, as novas modalidades de animação e gestão exigem preparação específica do pessoal”. E constata que “a formação inicial em alguns centros de estudo não qualifica para os trabalhos educativos e as especializações posteriores se decidem com base em outras urgências” (RRM CG23, n. 181.288).

Também no que se refere à “inserção gradual no trabalho educativo e pastoral” (Const. 102) ou às “*experiências pastorais*”,

nota-se em muitas Inspetorias uma preocupação concreta para garantir-lhes as condições formativas: a escolha do campo (comunidade, obra, tipo de empenho), a diversificação e gradualidade, a programação, o acompanhamento e a revisão, o equilíbrio com outras dimensões da experiência formativa, etc.

Assim escreve o Reitor-Mor na sua relação: “Melhoraram as exercitações pastorais entendidas como ‘área de experiência formativa’: em muitos casos foram escolhidas, programadas, vividas e avaliadas” (RRM CG23, n. 166). Não faltam por certo situações em que se requer maior atenção para não enfraquecer a dimensão formativa destas experiências (cf. RRM CG23, n. 273).

2.1 Formação intelectual e formação pastoral.

O texto da deliberação capitular fala explicitamente de “qualificação pastoral, competência educativa e profissional, formação profissional, capacidade pedagógica, atualização das competências...” (cf. CG23, 220-223). Estas expressões, que não se referem exclusivamente à formação ou preparação intelectual, certamente a incluem de forma direta e estão em sintonia com quanto afirma a FSDB: “a convicção de Dom Bosco, em seu tempo, e da Congregação, hoje, é que uma *séria preparação intelectual* ajuda de maneira insubstituível a viver sem reduções e com eficácia a índole própria da vocação salesiana e a sua missão” (FSDB, 210). É ainda: “A Congregação reconhece que os estudos são um instrumento insubstituível para a formação dos irmãos chamados a serem pastores educadores dos jovens” (FSDB, 204).

A *missão salesiana* exige e ao mesmo tempo *orienta e caracteriza uma sólida formação intelectual*. Afirmam-no explicitamente os Regulamentos gerais: “A missão salesiana orienta e caracteriza de modo próprio e original a formação intelectual dos sócios em todos os níveis” (Reg. 82). Supõe-se, então, uma indispensável programação unitária (cf. FSDB, 211) e uma “organização dos estudos (que) harmonize as exigências da seriedade científica com as da dimensão religioso-apostólica do nosso projeto de vida” (Reg. 82).

A orientação exigida pela missão salesiana incide também sobre a escolha de certos *conteúdos*, feita de tal modo que

“sejam cultivados com particular empenho os estudos e as disciplinas que tratam da educação, da pastoral da juventude, da catequese e da comunicação social” (Ib.; cf. FSDB, 36-43).

O enfoque característico da formação intelectual salesiana encontra uma *expressão típica* no imediato pós-noviciado onde “o aprofundamento da vida de fé e do espírito de Dom Bosco, e uma adequada preparação filosófica, pedagógica e catequética em diálogo com a cultura, orientam o jovem irmão a integrar progressivamente fé, cultura e vida” (Const 114; cf. FSDB, 269. 340).

2.2 “Experiências pastorais” e formação pastoral.

Na formação do educador pastor salesiano a práxis educativa tem um lugar central e a “gradual inserção no trabalho educativo pastoral” (Const 102) é um dos elementos constitutivos. Por isso, durante todo o período formativo deve-se dar importância às atividades pastorais da missão (cf. Const. 115). A tradição salesiana sublinhou sempre de forma característica esta linha formativa, que teve sua expressão típica no tirocínio (cf. ib.).

A FSDB ocupa-se demorada e atentamente deste ponto e, entre outras coisas:

- põe em evidência a relação entre caridade pastoral, sentido pastoral e capacidade pastoral (cf. FSDB; 74-78);
- ressalta a importância de iniciar na metodologia da ação apostólica (cf. FSDB, 230. 235) e de formar uma mentalidade pastoral e pedagógica aberta e crítica (cf. FSDB, 234-236);
- explica a incidência formativa de um processo que favoreça relações e atividades vividas na interação de teoria e práxis com empenhos graduais segundo uma dosagem equilibrada, oportunamente programadas, acompanhadas e avaliadas, que levem à experiência de uma “práxis sábia e de fé” (cf. FSDB, 166-171).

Quanto às “*experiências pastorais*” a FSDB explicita critérios, condições e modalidades concretas (cf. FSDB, 200-203) e dá indicações específicas para cada etapa: preparação para o noviciado (cf. FSDB, 310), noviciado (cf. FSDB, 322-323).

382), pós-noviciado (cf. FSDB. 336-337), tirocínio (cf. FSDB, 352-358. 415), formação específica (cf. FSDB cap. 9).

Estas indicações, inseridas na visão orgânica do processo formativo e referidas concretamente a cada etapa, tendem a garantir as condições para a qualificação do pastor educador salesiano e para a sua competência profissional, e contribuem para superar a superficialidade e o genericismo na realização da missão.

A Congregação destacou a importância das “experiências pastorais” especificando, no art. 86 dos Regulamentos Gerais:

- a finalidade: favorecer “o desenvolvimento do espírito apostólico e das capacidades educativo-pastorais do salesiano em formação”;
- os critérios e as condições para a validade formativa:
 - “sejam diferenciadas e gradativas, levando-se em consideração o amadurecimento pessoal e religioso do irmão e a fase formativa em que se encontra”;
 - “se realizem em atividades próprias da nossa missão”;
 - sejam oportunamente programadas, acompanhadas e avaliadas pela comunidade.

3. Sugestões para uma avaliação

O documento do CG23 e especialmente a primeira deliberação oferece a ocasião para a avaliação de alguns aspectos importantes da formação inicial.

A avaliação pode ser feita em diversos níveis: pelo Conselho inspetorial, pela Comissão inspetorial para a formação e pela Comissão para a pastoral juvenil juntas, pelos formadores e professores, por cada uma das comunidades da formação inicial, pelos diretores e pelas comunidades com tirocinantes, etc.

A leitura das orientações e das normas da FSDB, às quais nos referimos nas páginas precedentes, e do diretório inspetorial pode constituir um ponto de partida amplo e concreto.

Foram extraídas dos Regulamentos Gerais e da FSDB as perguntas aqui apresentadas como estímulo para início de avaliação.

- De que forma a missão salesiana “orienta e caracteriza de modo próprio e original a formação intelectual”: enfoque,

programação, conteúdos, etc. (Reg. 82; cf. FSDB, 36. 43. 205)?

Se se freqüentam centros de estudos salesianos: como se dá esta “orientação” e esta “caracterização”?

Se o centro de estudos freqüentado não é salesiano: como se garante a integração ou complementação específica (cf. FSDB, 2179-284.347)?

- Que lugar ocupam as disciplinas que tratam da educação, da pastoral da juventude, da catequese e da comunicação (cf. Reg. 82) e “os conteúdos da salesianidade” (história, espiritualidade, práxis pastoral...) (cf. FSDB, 233; Reg. 85)?
- Que relação existe entre a preparação intelectual dos irmãos e os compromissos pastorais da Inspetoria?
- Há um plano de qualificação e de especialização do pessoal (cf. FSDB, 481-487)? Em que critérios se baseia?
- As “experiências pastorais” que se realizam ao longo do processo formativo respondem a um programa? São “diferenciadas e gradativas, levando-se em consideração o amadurecimento pessoal e religioso do irmão e a fase formativa em que se encontra” (Reg. 86)?
- A maneira por que se programam e desenvolvem as “experiências pastorais” corresponde aos critérios e às indicações da Congregação:
 - capacidades e experiências que permitem exprimir o sentido pastoral (cf. FSDB, 78);
 - momentos e condições que tornam possível a interação de teoria e práxis (cf. SDB, 166-171);
 - critérios e condições para a qualidade formativa das experiências pastorais (cf. FSDB, 200-203)?
- Como se integram ação e reflexão nos vários momentos da experiência formativa?
- De que maneira se procura atingir os objetivos formativos do tirocínio?
- Como se faz crescer a atitude de colaboração com os leigos e a capacidade de animação?
- Como a comunidade programa, acompanha e avalia periodicamente as “experiências pastorais” (cf. Reg. 86)?

2.3 COMUNICAÇÃO SOCIAL: A DELIBERAÇÃO N. 6 DO CAPÍTULO GERAL 23

P. Antonio MARTINELLI
Conselheiro para a Família Salesiana e para a Comunicação Social

“O caminho de fé dos jovens exige da comunidade uma nova forma de comunicação”: assim reza a deliberação capitular, CG23, 254.

A crônica do Capítulo Geral 23 revela a clara vontade dos participantes de tratar o tema da comunicação no contexto do “educar os jovens na fé”.

Não havia sido contemplada nos trabalhos pré-capitulares uma reflexão sobre ele. Pareceu oportuno ao CG23 não esquecer um aspecto tão significativo na cultura contemporânea.

Nasceram os poucos parágrafos dos nn. 254-260 dos Atos do CG.

A simples história dos fatos é de alguma maneira indicativa da história concreta das comunidades salesianas em face da comunicação social: há mister de uma decisão “suplementar” e de um novo estímulo para que se coloquem eficazmente num caminho que o mundo de hoje percorre em ritmo muito veloz.

Uma releitura das poucas páginas do CG ajudará a realizar mais completamente nossa missão educativa e evangelizadora.

O que segue deve ser considerado como um “primeiro subsídio” para o aprofundamento dos Atos do CG23. É um subsídio destinado em primeiro lugar às comunidades para que redescubram o próprio compromisso de educação da fé

mediante a comunicação social; e, depois, aos agentes responsáveis pela comunicação em nível inspetorial e em nível de casa, a fim de que avaliem o serviço efetivo que estão prestando.

A comunicação e a perspectiva do educar os jovens na fé

As rápidas considerações do texto capitular sobre a comunicação devem ligar-se a todo o trabalho precedente. Separar o tema “comunicação” do aprofundamento “educar os jovens na fé” é empobrecer conteúdos e perspectivas, reflexões e orientações práticas. É ficar um pouco... desiludidos... com a maneira de tratar uma realidade tão vasta e ampla como é a comunicação social hoje no nosso mundo.

Há no texto capitular, dentro das três partes fundamentais de que se compõe, “*dados culturais*” e “*dados educativos problemáticos*” que demonstram a urgência da comunicação.

Põem em evidência as ligações oferecidas pelos Atos capitulares.

Os “*dados culturais*” parecem sublinhar que a sociedade continua a existir não só *por meio* da comunicação, mas que existe e vive *na* comunicação.

Os jovens não estão fora dessa exigência. Antes:

- há entre os jovens uma procura de comunicação interpessoal muito mais intensa, com vistas a “superar o isolamento e estabelecer um confronto” (CG23, 51);
- os jovens percebem como e em que grau a maturidade da própria pessoa está ligada à comunicação. De maneira positiva pela ajuda que oferece, e de forma negativa pelos condicionamentos que cria (cf. CG23, 63. 125. 183).
- enfim, muitos aspectos da vida de fé em nível juvenil, pessoal e comunitária, estão ligados a experiências relacionais e de comunicação (cf. CG23, 143-145).

Abrem-se, sem dúvida, novos empenhos qualitativos para a comunidade salesiana, além de novas perspectivas de trabalho a partir do campo da comunicação.

Nesta linha aponto uma aplicação imediata e prática da ligação necessária entre comunicação e educação da fé. As precisões dadas sobre a primeira deliberação capitular, num

dos números dos Atos do Conselho, acerca da formação permanente e o dia comunitário semanal, devem ser lidas e organizadas não esquecendo as exigências e os problemas da comunicação hoje no contexto da evangelização e educação da fé.

Os “*dados educativos problemáticos*” que surgiram no debate capitular estimulam a caridade pastoral do salesiano, que vive como principal o empenho de educar os jovens na fé. Novas “tendências culturais, modas, modalidades de vida espalham-se simultaneamente um pouco por toda a parte” (CG23, 17) como consequência de uma comunicação mais rápida. Uma locomoção mais veloz põe em contacto pessoas geograficamente distantes e desconhecidas.

Uma comunicação de notícias em tempo real põe indivíduos, grupos e instituições diante de acontecimentos que exigem respostas e decisões. Uma contínua *interferência cultural* entre mundos distantes põe em evidência a necessidade de capacidade crítica, de confronto ideal e prático sobre o terreno da vida quotidiana de um educador.

Educar hoje e educar na fé exige qualificação nova quanto às relações interpessoais e à comunicação em grupo. Cada opção educativa pode ser, de fato, considerada uma comunicação mediada por símbolos.

Somos postos em causa como “comunicadores” pelo fato de sermos educadores.

Onde falha esta “nova” comunicação notam-se imediatamente os desafios do mundo juvenil:

— *O distanciamento:*

“Os jovens distantes são numerosos e são um grande desafio para a comunidade salesiana, que percebe encontrar-se muitas vezes longe deles por mentalidade e falta de comunicação” (CG23, 77);

— *A irrelevância da fé:*

Os jovens “tendem a viver a própria fé ‘em privado’, sem ligação com a vida real que a rejeita. As situações de isolamento, de privatização e de estraneidade são vividas e se acham semeadas por toda a parte, especialmente pelos meios de comunicação social.

A comunidade salesiana sente-se “missionária dos jovens”, mas adverte ao mesmo tempo a difícil obra de *comunicar*, de maneira eficaz, a riqueza da fé.

A organização da comunidade, assim como é pedida pelo CG nas cinco primeiras deliberações, encontrará uma concreta expressão na busca de uma *“nova comunicação”*.

O aspecto de “globalidade” da nova forma de comunicação

Os poucos parágrafos dos Atos do CG são significativos para o horizonte em que se movem.

Não se preocupam com uma definição técnica da comunicação, tal como se encontra nas teorias da informação, nos manuais especializados sobre os meios de comunicação ou nas ciências lingüísticas.

Olham o aspecto *“global”* da comunicação, que é, por isso, considerada como uma *“relação”*: interpessoal e institucional, isto é, entre pessoas e entre instituições.

“Ela não dá apenas informações, mas comunica idéias, cria facilmente consensos e propõe modelos de vida e de comportamento” (CG23, 254).

O aspecto de *“globalidade”* apresentado orienta a presença e a ação de cada salesiano e da comunidade. Levar isso em consideração é tornar-se capaz de ir ao encontro das necessidades juvenis..

A *“globalidade”* tem seus reflexos nos *“ambientes” em que o salesiano opera*, e atinge as dimensões educativa, cultural, religiosa e espiritual da sua intervenção, porque a comunicação *“atinge todos os campos da vida social e todas as dimensões da vida pessoal”* (CG23, 254).

A comunidade deve aprender a crescer na capacidade de comunicar, a fim de poder empregar uma *“linguagem adaptada aos jovens e ao povo, especialmente na liturgia e na catequese”* (CG23,258).

É um desafio ao salesiano educador. Deverá aprender linguagens múltiplas e deverá empregar de maneira mais adequada os meios da comunicação. Dom Bosco *“lançou-se a empresas apostólicas originais para defender e sustentar a fé do povo”* (CG23,256).

A *“globalidade”* indica uma *meta para o “salesiano agente de pastoral”*.

Uma imagem guia a reflexão do CG23: Emaús. A caridade do Bom Pastor na estrada de Emaús é o modelo do “comunicador” salesiano. “Repetimos suas atitudes: tomamos a iniciativa do encontro e nos colocamos ao lado dos jovens; com eles percorremos o caminho ouvindo, partilhando seus anseios e aspirações; e lhes explicamos com paciência a mensagem exigente do Evangelho; e com eles ficamos, para repetir o gesto de partir o pão e despertar neles o ardor da fé, que os transforma em testemunhas e anunciadores acreditáveis” (CG23, 93).

Aí entra o espírito salesiano, que põe no centro a caridade do Bom Pastor. Descuidar a comunicação “nova” em todas as suas possibilidades (verbal, cultural, simbólica, gestual, corporal: cf. CG23, 255) é renunciar à eficácia educativa, é perder uma ocasião de educar na fé.

Alguns conteúdos da nova forma de comunicação

A “globalidade” da comunicação tem hoje “*campos de prova*”. O CG23 estuda três que representam também alguns “objetivos” e exprimem alguns “conteúdos” nos quais fazer a comunicação alcançar êxito: a liberdade interior, a relação interpessoal, a solidariedade social.

“A incidência da fé sobre a vida, ou a sua irrelevância prática, manifesta-se hoje em alguns aspectos da existência individual e da cultura, que, por isso, se tornam seu banco de prova” (CG23, 181). Neles acha-se habitualmente envolvida a comunicação.

O primeiro: *a formação da consciência* (CG23, 182-191).

Escreve João Paulo II na mensagem para o dia da paz, em 1º de janeiro de 1991: “Entre as muitas outras instituições e organismos que desenvolvem um papel específico na formação da consciência devem-se lembrar também os meios de comunicação social. No mundo atual, de rápida comunicação, a mídia pode desempenhar um papel extremamente importante, antes essencial, no promover a busca da verdade evitando apresentar somente os interesses limitados desta ou daquela pessoa, deste ou daquele grupo ou ideologia. Tais meios constituem muitas vezes a única fonte de formação para um número sempre maior de pessoas. Como

devem, então, ser usados responsabilmente a serviço da verdade!”.

O segundo: *a educação do amor* (CG23, 192-202).

É um tema típico de comunicação interpessoal que exige, para o desenvolvimento e riqueza das pessoas interessadas, maturidade humana afetiva e opção decidida e reconhecimento de alguns valores existenciais de primeira importância: autonomia, criatividade, respeito, diálogo, solidariedade, doação.

É supérfluo deter-nos a indicar a incidência dos meios de comunicação social no âmbito da educação do amor. É necessário, da parte de muitas comunidades que crêem, um forte empenho prático e operativo, para enfrentar uma cultura contemporânea que emprega os instrumentos de comunicação de massa para subverter os valores e enfraquecer as forças de resistência dos jovens diante do hedonismo que se vai alastrando.

Como salesianos dispomos de um número significativo de atividades e obras de comunicação. Encontramos nas orientações do CG23 um estímulo para um trabalho eficaz e de qualidade.

O terceiro: *a dimensão social da caridade* (CG23, 203-214).

A relação deve tornar-se responsabilidade e participação.

A experiência da vida salesiana atinge “novas e trágicas formas de pobreza: marginalização, exploração de pessoas e droga” (CG23, 203). Entretanto “aflorem novos problemas que requerem a participação ativa de cada um: a paz, o ambiente e o uso dos bens, a questão moral em cada nação, as relações internacionais, os direitos da pessoa indefesa” (CG23, 204).

Deve nascer uma cultura diferente. É preciso educar no valor da solidariedade. “A comunidade procura testemunhar a justiça e a paz diante dos jovens e promovê-las em toda a parte. Vive, para tanto, em profunda sintonia com os grandes problemas do mundo e está atenta aos sofrimentos do ambiente em que se acha inserida” (CG23, 208).

Dos grandes horizontes à indispensável estrutura operativa

O CG23 não ficou somente na comunicação. Falou diretamente, com poucas expressões, de comunicação social. Jun-

tamente com os aspectos relacionais considerou também os processos típicos para a comunicação das mensagens.

Para isso tudo julgou oportuno indicar um estrutura operacional: o encarregado inspetorial da comunicação social (cf. CG23, 259).

Eis a determinação dos Atos que torna imediatamente prático todo o discurso sobre a comunicação social: *“O Inspetor nomeie o encarregado inspetorial da Comunicação Social”* (CG23, 259).

Provavelmente em várias Inspetorias a determinação confirma uma práxis já consolidada. Em outras, ao invés, exige a superação de um atraso improficuo, tanto sob o aspecto comunitário como sob o apostólico. Para todas representa uma opção importante, enquanto leva o tema da comunicação social para dentro da organização inspetorial, do ponto de vista de responsabilidade e do ponto de vista pastoral.

É um passo adiante na linha e na sensibilidade dos artigos 6 e 43 das Constituições renovadas.

Na verdade ficam por realizar, de acordo com as possibilidades concretas de cada Inspetoria e nas Regiões salesianas mediante entendimentos mais amplos, os Regulamentos Gerais, de modo particular os artigos 31, 32 e 33.

Transcrevo-os a seguir para maior praticidade.

“O inspetor com o seu Conselho promova, conforme as possibilidades locais, a nossa presença pastoral no setor da comunicação social. Prepare os irmãos para inserir-se no campo da imprensa, cinema, rádio e televisão; crie e consolide os nossos centros editoriais para a produção e difusão de livros, subúdios e periódicos e os centros de transmissão e produção de programas audiovisuais, radiofônicos, televisivos. Tais serviços assentem-se em seguras bases jurídicas e econômicas e encontrem formas de entrosamento e cooperação com centros de outras inspetorias e com o conselheiro geral para a Família Salesiana e a comunicação social” (Reg. 31).

“Os salesianos se preocupem em educar os jovens para a compreensão da linguagem da comunicação social e para o sentido crítico, estético e moral. Favoreçam atividades musicais e teatrais e clubes de leitura e de cinema” (Reg. 32).

“Potencializem-se os canais de informação e diálogo dentro e fora da Congregação e da Família Salesiana (boletins, ANS, curtas-metragens, videocassetes...), utilizando-se oportuna-

mente também os meios oferecidos pelas novas tecnologias. Os centros editoriais que atuam na mesma nação ou região busquem formas convenientes de colaboração para formular um projeto unitário” (Reg. 33).

O volume de empenho e de atividades ligado à comunicação social vem a ser amplo, empenhativo, exigente, qualificado. Deu, porém, a impressão de ficar entregue à boa vontade de alguns e à inventiva de iniciadores beneméritos.

A decisão capitular deveria dar novo impulso, qualificado e orgânico, a todo o trabalho do setor.

A indicação de uma pessoa responsável em nível inspetorial era o mínimo que se podia pedir ao Capítulo Geral. Era, porém, o primeiro e indispensável passo para despertar uma nova atenção por parte da comunidade a esta “prioridade apostólica” (Const. 43); iniciar uma coordenação entre as pessoas e as atividades; prever uma junção das forças operantes dentro da Família Salesiana, no território e na Igreja local: encaminhar uma promoção das novas iniciativas ligadas à cultura hodierna, que tanto deve à comunicação.

Cada Inspeção tem agora a tarefa de adequar a própria organização do trabalho considerando a presença do novo encarregado.

Figura e papel do encarregado inspetorial da comunicação social

Não é de hoje a reflexão sobre a figura e o papel do encarregado da comunicação social na Inspeção. Três seminários de estudo, em três distintas Regiões salesianas, promovidos pelo Dicastério no sexênio anterior, já recolheram quanto se vai fazendo nas comunidades salesianas e quanto ainda é necessário fazer para acompanhar os tempos e a tradição de Dom Bosco. Não retomo materialmente as indicações recebidas, porque devem ser atualizadas com o CG23 e porque estão previstos alguns encontros continentais para novamente refletir sobre o tema num futuro próximo.

É suficiente lembrar o n. 259 do CG23, com um breve comentário operacional.

“O Inspetor nomeie o encarregado inspetorial para a Comunicação social, que:

- *assistirá a cada comunidade na promoção das várias realidades da comunicação;*
- *prestará serviço aos vários setores de atividades e manterá os contatos com os organismos locais, eclesiais e civis. Em tudo o que diz respeito à educação dos jovens, ele atua dentro da equipe de pastoral juvenil”.*

Eis as conclusões simples que se tiram do texto capitular:

- Cada Inspetoria deve ter o seu encarregado da comunicação social: é o modo mais imediato para garantir a realização de todos os empenhos que a Inspetoria tem no setor da CS, e lembrados pelos artigos dos Regulamentos Gerais. Este discurso organizativo subentende, é claro, a preparação de pessoas qualificadas no setor. A nomeação do encarregado inspetorial não é um empenho puramente formal. Lembra aos Inspetores a urgência de preparar pessoas a quem confiar este empenho.
- O encarregado inspetorial da comunicação social é membro da equipe que assiste o delegado inspetorial da pastoral juvenil e com ele colabora, para que os projetos da CS não fiquem fora da programação inspetorial e da pastoral juvenil inspetorial. Supera-se, desta forma, um paralelismo de intervenções e de critérios que seria nocivo aos jovens destinatários.
- O encarregado inspetorial da comunicação social opera fundamentalmente em três direções:

- *as comunidades salesianas:*

Estas têm necessidade de acompanhamento para desenvolver e promover o conhecimento e as atividades múltiplas de comunicação. Há na comunidade muitas forças e potencialidades: falta um animador qualificado que as estimule.

- *os organismos eclesiais e civis:*

É uma obra que tem diversos nomes. Diz-se: relações públicas. Chama-se: construção de uma imagem oficial da comunidade salesiana. Reconhece-se: representação salesiana em instituições que se ocupam de comunicação social.

Apresenta-se nos organismos eclesiais e civis com um empenho de confronto, de colaboração e de oferta original do próprio carisma.

- *os diversos setores de atividades:*

Presta um serviço de qualificação aos diversos setores da atividade salesiana, pois a dimensão da comunicação social está presente em todas elas e com todas se mostra disponível para verificar conteúdos, instrumentos e modalidades de realização.

Conclusão

O “muito” que há no CG23 relativamente à comunicação não é de quantidade mas de qualidade. O só descobri-la já é sentir a vontade de realizar no próprio campo de trabalho.

As comunidades têm a responsabilidade de abrir para os irmãos os horizontes novos e interessantes que a Congregação lhes descortina.

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL

4.1 Crônica do Reitor-Mor

Em meados de junho (dias 15 e 16) o Reitor-Mor esteve em Malta para o encerramento do curso de espiritualidade celebrado na ilha com felizes resultados.

Dia 30 do mesmo mês foi a Sassari, Sardenha, para benzer uma nova capela, e a Alghero para o início de um centro de pastoral juvenil — animado pelos salesianos — a serviço de episcopado local. Em julho pôde animar, pessoalmente e em grupo, os neo-inspetores reunidos na casa geral, e um curso de formação permanente para irmãos de língua francesa. Dia 21 foi a L'Aquila para uma relação à semana de reflexão do VIS (Voluntariado Internacional para o Desenvolvimento).

Em 1º de agosto participou, em Vercelli, na solene consagração episcopal de D. Tarcisio Bertone, novo Arcebispo dessa antiga diocese. Foi depois a Turim, onde o aguardavam 630 jovens — na maioria animadores — vindos da Espanha para o "Eurobosco '91".

De 13 a 24 fez a sua oitava viagem à África, indo a Angola e Moçambique, onde se encontrou com todos os irmãos e, como de

hábito, com os srs. Cardeais e Bispos, FMA e Cooperadores. Na primeira nação esteve em várias cidades, ao passo que na segunda não pôde, por causa da situação política, deixar Maputo. Trata-se da primeira visita de um Reitor-Mor a essas nossas presenças missionárias, muito significativas também pelas dificuldades especiais que se devem enfrentar e pelo florescimento das vocações locais.

Na volta de Maputo, aproveitando a mudança de avião em Johannesburg, passou meio dia com um bom grupo de salesianos e FMA que o aguardavam em Daleside.

Em setembro (de 6 a 8) esteve na Hungria para sua primeira visita àqueles irmãos tão provados. Pôde constatar os rápidos progressos feitos em cinco comunidades já constituídas (três em Budapest, uma em Balassagyarmat e uma em Szombathely). Nesta última cidade benzeu também o noviciado que finalmente, após 40 anos, abre as portas a cinco noviços.

Dia 14 de setembro começou uma viagem que o levará a três países da América Latina: Chile, Equador e Peru.

4.2 Crônica do Conselho Geral

Em 4 de junho de 1991 teve início a sessão plenária do Conselho Geral, a terceira do sexênio, que se prolongou até 26 de julho. Como sempre, o trabalho dos Conselheiros foi intenso, não somente durante as numerosas sessões plenárias (31), mas também nas reuniões para grupos e no empenho pessoal de estudo e discernimento, tendo em vista a animação da Congregação.

A sessão abriu-se com a lembrança especial do nosso Fundador, Dom Bosco, de quem, em 5 de junho, ocorria o 150º aniversário da ordenação sacerdotal. Como já consignou o número anterior dos Atos (cf. ADG n. 337), todo o Conselho Geral com o Reitor-Mor celebrou o acontecimento tomando parte na concelebração solene que se realizou no Templo de Dom Bosco em Roma, com a presença de numerosos irmãos da UPS, das comunidades formadoras em Roma, das casas da Inspeção Romana, bem como de numerosa representação dos grupos da Família Salesiana.

A ordem do dia dos trabalhos da sessão, além dos assuntos referentes a comunidades e irmãos (de modo especial as nomeações nos Conselhos inspetoriais, as aberturas de novas presenças salesianas, assuntos econômico-administrativos e pessoais), compreendia o exame e o estudo de vários argumentos, dos quais segue um elenco sumário.

1. *Nomeações de Inspectores.* Após cuidadoso discernimento, com base nas consultas inspetoriais e nas necessidades das respectivas Inspeções, o Reitor-Mor com o seu Conselho procedeu à nomeação de quatro novos Inspectores: P. Domenico Rosso para a Inspeção Central (Itália), P. Gian Luigi Pussino para a Inspeção Romana (Itália), P. Victor Bocalón para a Inspeção de Córdoba (Argentina), P. Luis Sánchez para a Inspeção do Equador (v. no n. 5.1 deste número dos Atos algumas informações sobre cada um dos novos Inspectores).

2. *Relação das Visitas extraordinárias.* O Conselho Geral dedicou particular atenção ao exame dos relatórios das Visitas extraordinárias realizadas no período de janeiro a maio de 1991 e apresentados pelos respectivos Conselheiros Visitadores. Foram estas as Inspeções visitadas: Argentina-Córdoba, Grã-Bretanha, Polônia-Wroclaw, Peru, Portugal, Espanha-Bilbau, Tailândia, Vietnã. Foi examinada também a visita realizada na Inspeção de Bratislava (Tchecoslováquia).

3. *Aprofundamento de temas particulares tendo em vista uma animação sempre mais eficaz.* Retomando as linhas programáticas fixadas no início do sexênio, e considerando as principais urgências que se apresentaram, o Conselho Geral empenhou-se no aprofundamento de

alguns temas reputados importantes e prioritários para a própria função de animação e governo da Congregação.

Eis os temas desenvolvidos (apresentados com certa ordem, não necessariamente na em que foram tratados).

a) Explicitação operativa da primeira deliberação do CG23: *a formação e a qualificação contínua dos irmãos, empenho prioritário da Congregação no sexênio 1990-1996*. Partindo do exame da deliberação capitular e do que ela pede às Inspetorias e às comunidades, examinaram-se de modo particular as intervenções próprias do Conselho Geral para garantir os objetivos propostos.

b) *A significatividade da presença salesiana* (2 deliberação do CG23). O CG23 Pede à Congregação uma “nova qualidade pastoral”, uma renovada “significatividade” de presença e ação em ordem à educação dos jovens na fé. Partindo do conceito de “significatividade” e das exigências que implica, foram estudadas as formas de intervenção visando precisamente conseguir maior significatividade. Considerou-se em especial a ação que pode ser desenvolvida — nesta linha — pelo Conselho Geral. O próximo número dos Atos trará uma comunicação mais ampla sobre esse tema.

c) *A orientação vocacional* (5 deliberação do CG23). A orientação vocacional é um ponto estratégico do caminho de fé dos jovens. O CG23 pede a cada co-

munidade que lhe dê particular atenção (CG23, 247). Considerando as opções feitas pelos Salesianos em todos estes anos e as exigências específicas para uma adequada orientação vocacional, o Conselho Geral avaliou sobretudo as propostas para um trabalho de animação. Deseja-se que cada Dicastério coloque o tema da vocação no centro dos seus programas.

d) *Elementos e linhas para um projeto-leigos*. Retomando o tema já tratado na sessão plenária anterior, e levando em consideração as observações feitas sobre as linhas indicativas então propostas, o Conselho Geral providenciou a redação de um novo documento, que é transmitido às Inspetorias. É um subsídio, que atende ao pedido feito pelo CG23, 238, que contém material útil para a elaboração do projeto inspetorial. O documento tem quatro partes: I. O termo e a realidade “leigo”. — II. Os leigos na Família Salesiana. — III. O nosso compromisso com os leigos. — IV. Espaços operativos salesianos e presença dos leigos.

e) *Espiritualidade salesiana e Movimentos eclesiais*. No âmbito do aprofundamento da espiritualidade salesiana, querido pelo CG23, de diversas partes veio o pedido de uma reflexão sobre a nossa espiritualidade diante dos novos “Movimentos” que o Espírito Santo suscita na Igreja. O Conselho Geral enfrentou o tema, fazendo em primeiro lugar um levantamento da situação — no que respeita à relação dos Movi-

mentos com nossas comunidades — e uma avaliação no tocante também à nossa espiritualidade. Surgiram algumas orientações operacionais e critérios práticos, que são apresentados pelo Vigário do Reitor-Mor no n. 2.1 deste número dos Atos.

f) *O fenômeno do “envelhecimento”*. Partindo de um olhar sobre a Congregação e a realidade do envelhecimento (mais visível em determinadas áreas), o Conselho Geral aprofundou seja as conseqüências do envelhecimento (na pessoa, na comunidade e na ação pastoral), seja as formas de intervenção para uma resposta positiva. O Conselho concentrou a atenção de modo especial sobre a própria ação animadora a fim de ajudar as Inspetorias (sobretudo as que se encontram em maiores dificuldades) e os irmãos diante deste problema.

g) *Aprofundamento de alguns aspectos do nosso governo: a visita “extraordinária”*. A fim de tornar mais profícuo o trabalho de animação num momento privilegiado como a visita extraordinária às Inspetorias, o Conselho Geral refletiu sobre as indicações das Constituições e dos Regulamentos, coligindo orientações metodológicas e práticas para a própria ação.

h) *Função do Diretor do Boletim Salesiano (italiano)*. Referindo-se a quanto já foi tratado em outras circunstâncias sobre a posição do Boletim Salesiano (que está ligado ao Dicastério da Comunicação Social, enquanto órgão de informação, mas ligado

também à Família Salesiana pelo conteúdo), julgou-se bem definir ulteriormente a figura do Diretor do Boletim Salesiano italiano: é-lhe confiada a responsabilidade da redação (embora sob o controle do Conselheiro para a Família Salesiana e para a Comunicação Social), ao passo que nos outros aspectos colabora com o grupo de gestão ligado ao Dicastério da Comunicação Social.

i) *Atuação e apoio das Inspetorias do Leste europeu*. Considerando a situação particular em que se encontram as Inspetorias da Europa do Leste (Inspetorias boêmia e eslovaca na Tchecoslováquia, Inspetoria da Hungria, Inspetorias da Polônia e presenças salesianas nas Repúblicas Soviéticas), depois dos recentes acontecimentos que abalaram a fisionomia sócio-política eclesial da região, o Conselho Geral estudou as modalidades de especiais intervenções para acompanhar essas Inspetorias na retomada de sua vida e ação salesiana.

4. *Prestação de contas administrativa*. Cumprindo quanto determina o art. 192 dos Regulamentos Gerais, o Ecônomo Geral apresentou a prestação de contas administrativa anual (balanço de 1990 e previsão orçamentária para 1991). O Conselho Geral a discutiu e aprovou.

5. *Novas circunscrições jurídicas*. Em resposta às exigências que emergiram em determinadas regiões, o Conselho Geral

estudou e encaminhou os trâmites para a constituição de novas circunscrições jurídicas: na Índia (subdivisão da Inspetoria de Bangalore), nas Filipinas (subdivisão da atual Inspetoria) e em Haiti (constituição de uma Visitadoria). O Conselho iniciou os passos necessários para chegar à formação das novas circunscrições. Foi também examinado o projeto de uma eventual sistematização das Inspetorias Salesianas no Piemonte (Itália).

Juntamente com o estudo desses temas, deve-se lembrar também outros momentos importantes para o Conselho Geral:

- o curso para os novos inspetores (de 24 de junho a 3 de julho);
- o dia de retiro (22 de junho), dirigido pelo P. Aldo Giraud;
- um dia comunitário (15 de julho), que o Conselho passou em Perugia, generosamente acolhido pela comunidade salesiana local.

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS

5.1 Novos inspetores

Estão aqui alguns dados dos Inspetores recém-nomeados pelo Reitor-Mor com o seu Conselho durante a sessão plenária de junho-julho de 1991 (cf. crônica do Conselho Geral, n. 4.2).

1. *BOCALÓN Víctor, Inspetor de Córdoba (Argentina).*

Nascido em San Girolamo, Córdoba (Argentina) em 14 de novembro de 1933, Víctor Bocalón, depois de ter sido aluno do colégio de Vignaud, fez o noviciado em Morón, emitindo a primeira profissão religiosa em 31 de janeiro de 1951.

Após o tirocínio fez o curso teológico no estudantado de Córdoba, onde foi ordenado padre em 20 de novembro de 1960. Estudou depois na Universidade Pontifícia Salesiana em Roma, onde conseguiu a licença em Filosofia e Pedagogia.

Desenvolveu seu trabalho educativo e apostólico em diversas casas da Inspeção de Córdoba. Em 1981 foi nomeado Diretor da casa São Francisco Solano em Salta. Em 1984 foi eleito Conselheiro inspetorial e em 1985 Vigário do Inspetor. Por

vários anos foi também encarregado inspetorial da Pastoral Juvenil.

2. *PUSSINO Gian Luigi, Inspetor da Inspeção Romana (Itália).*

Gian Luigi Pussino nasceu em Guspini, província de Cagliari, na Sardenha, em 24 de junho de 1951. Aluno do colégio de Cagliari, amadureceu a vocação salesiana e entrou no noviciado de Lanuvio, ao termo do qual emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1967.

Depois da primeira experiência salesiana, fez os estudos teológicos em Roma, na Universidade Pontifícia Salesiana, onde conseguiu a láurea em Teologia Catequética. Foi ordenado padre em Cagliari em 24 de março de 1979.

Foram-lhe para logo confiados cargos de responsabilidade na comunidade inspetorial. Por vários anos foi encarregado da pastoral juvenil da Inspeção; em 1982 foi nomeado Conselheiro inspetorial e em 1986 Vigário do Inspetor (e diretor da casa inspetorial), cargo que exerceu até 1989.

Desde setembro de 1989 era diretor da comunidade Pio XI em Roma. Em 1990 participou como delegado no CG23.

3. *ROSSO Domenico, Inspetor da Inspetoria Central (Itália).*

Domenico Rosso nasceu em Turim em 5 de janeiro de 1934. Aluno em Castelnuovo Don Bosco, foi admitido ao noviciado, que fez em Chieri-Villa Moglia, emitindo a primeira profissão salesiana em 16 de agosto de 1950.

Depois do tirocínio prático fez o curso teológico em Bollengo, onde se ordenou sacerdote dia 1º de julho de 1960. Conseguiu também a licença em Teologia e a habilitação para lecionar nas escolas médias superiores.

Educador e animador, em 1967 foi chamado à direção da casa de Ivrea até 1972, quando lhe foi confiado o encargo de diretor do Colle Don Bosco. No mesmo ano foi nomeado Conselheiro inspetorial.

Em 1978, no fim do mandato de diretor, foi convidado a assumir a responsabilidade de "Radio incontri" no Rebaudengo de Turim, até 1986 quando foi nomeado diretor da casa de retiros e encontros em Caselette. Chegou-lhe aí a nomeação para Inspetor.

4. *SÁNCHEZ ARMIJOS Luis, Inspetor de Quito (Equador).*

Luis Sánchez Armijos, nasceu em Olmeda, Equador, em 27 de junho de 1943. Amadureceu a vocação salesiana freqüentando o colégio de Cuenca. Feito o noviciado em Cayambe, emitiu a primeira profissão em 16 de agosto de 1963.

Completados os estudos filosóficos e o tirocínio prático, foi enviado a Santiago do Chile, para freqüentar o curso teológico, onde conseguiu a licença em Ciências Religiosas. De volta ao Equador, foi ordenado sacerdote em Quito em 31 de janeiro de 1975.

Completo depois os estudos em Roma, na Universidade Pontifícia Salesiana, conseguindo o doutorado em Teologia Dogmática.

De volta à própria Inspetoria, trabalhou como professor e formador. Em 1981 foi nomeado diretor do Estudantado Teológico de Quito, cargo que ocupou por um sexênio. Em 1986 foi eleito Conselheiro inspetorial e em 1987 Vigário do Inspetor, cargo que até agora exercia. O P. Luis Sánchez sucede ao P. Germán Delgado, forçado a deixar o cargo por motivos de saúde.

5.2 Irmãos falecidos (1991 - 3ª lista)

"A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão" (Const. 94).

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P BOGO Generoso	Jaraguá do Sul	25-08-91	74 BSP
L BOETTI Giorgio	Turim	10-07-91	91 ICE
P BONGIOVANNI Pietro	Turim	02-08-91	73 ICE
P CARABELLI Saturnino	Assunción	22-05-91	81 PAR
L CHAMBERS Thomas	Warrenstown	21-08-91	88 IRL
L CHIAUDANO Nicola	Jerusalém	12-07-91	74 MOR
P CIURCIOLA Alberto	Macerata	19-06-91	76 IAD
P CUCCO Giulio	Borgo S. Martino	01-09-91	68 INE
P DERGAM Chafik Miguel	Montevideu	05-08-91	75 URU
P DUFFY John Patrick	Cape Town	28-06-91	76 AFM
L FERNANDEZ POZUELOS Marcelo	Arevalo	29-07-91	89 SMA
P FERRITO Mark	New Rochelle	22-07-91	75 SUE
L FLOTATS SELGA Ramón	Alicante	13-08-91	86 SVA
P FRACZEK Henryk	Kutno	11-07-91	65 PLE
L FRANCESIA Domenico	Hong Kong	19-07-91	85 CIN
P GAMBIRASIO Emilio	Arese	02-08-91	69 ECU
P GIOBBIO Luigi	Turim	22-07-91	68 IDU
L GOMES RODRIGUES José	Lisboa	12-07-91	77 POR
P HASELSTEINER Rudolf	Hom	28-06-91	79 AUS
P HEMELAER Frans	Hoboken	09-08-91	76 BEN
P JEREB Carlos	Lima	26-06-91	83 PER
P KOSCIELNIAK Bronislaw	Kamyk	15-06-91	61 PLO
P KUBALA François	Swäty (Tchecoslováquia)	09-08-91	86 FLY
P MAPELLI Aurelio	Cuenca	04-09-91	80 ECU
P MASPER Celso	Civitanova Marche	24-07-91	77 IAD
P MELE Pietro	Castellammare di Stabia	05-08-91	86 IME
L MILANI Francesco	Roma	10-09-91	67 UPS
L MINJ Venantius	Guwahati	26-07-91	64 ING
P MONTEN Mathieu	Liège	08-06-91	81 BES

NOME	LUGAR E DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
P PAOLI Igino	Nanno	21-06-91	77 ANT
P PAZZINI Antônio	Sorocaba	12-05-91	89 BSP
P PELIZZON Nicola	Gorizia 31-08-91	68	IVE
P PILBEAM Alfred	Farborough	26-07-91	84 GBR
P POLI Bartolomeu	Belo Horizonte	27-04-91	80 BBH
P SARDON RODRIGUEZ Antonio	Sevilha	27-06-91	82 SSE
P SCHIOPPI Enrique	Montevidéu	31-07-91	69 URU
L SILVA Geraldo	Cruzeiro	21-08-91	86 BSP
P SMITH Erberth John	San Isidro	20-06-91	86 ABA
P VETTORE Anselmo	Santiago	23-07-91	76 CIL
P VOGEDES Josef	Leonding bei Linz	09-06-91	75 AUS

Editora Salesiana Dom Bosco

Rua Dom Bosco, 441 — Mooca

03105 — São Paulo — SP

Fone: (011) 277-3211

Fax: (011) 279-0329

Telex: 11 32431 ESPS BR